

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia Clínica
Linha de Pesquisa: Processos Saúde-Doença em Contextos Institucionais

Fernanda Torzeczki Trage

Função Reflexiva Paterna no Contexto de Interação Pai-Bebê

Orientadora
Profa. Dra. Tagma Marina Schneider Donelli

São Leopoldo, julho de 2019

FERNANDA TORZECZKI TRAGE

Função Reflexiva Paterna no Contexto de Interação Pai-Bebê

Dissertação de Mestrado apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica do programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora:
Profa. Dra. Tagma Marina Schneider Donelli

São Leopoldo, julho de 2019

T765f Trage, Fernanda Torzeczki.
Função reflexiva paterna no contexto de interação pai-bebê / por
Fernanda Torzeczki Trage. – 2019.
120 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do
Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, São Leopoldo, RS, 2019.

“Orientadora: Dra. Tagma Marina Schneider Donelli”.

1. Função reflexiva. 2. Interação pai-bebê. 3. Papel
paterno. 4. Novo pai. 5. Contemporaneidade. I. Título.

CDU: 159.9-055.52-055.1

*Dedico este estudo à minha família: meus pais Fernando e Isonete e minha irmã
Vanessa – os quais são fonte de inspiração para a busca de novos caminhos. Este
momento é também por vocês e para vocês.*

Agradecimentos

Ao concluir esta etapa, após dois anos desta trajetória de mestrado, agradeço pelas experiências vividas, as quais, certamente, não teriam sido tão enriquecedoras se não fosse a presença de pessoas especiais que estiveram ao meu lado. Quero deixar registrada, portanto, minha gratidão.

Agradeço primeiramente aos meus pais Fernando e Isonete e à minha irmã Vanessa por todo o apoio, por estarem sempre ao meu lado com tanto amor.

À minha orientadora, professora Doutora Tagma Marina Schneider Donelli, minha profunda gratidão pela acolhida, por conduzir meus passos, orientando-me e ajudando-me no desenvolvimento deste estudo.

Às minhas colegas do *Institut Avuí*, em especial Luciana Ferreira, pelo apoio, pela compreensão e pelas conversas durante esses dois anos de intenso estudo.

Às professoras Doutoradas Maria Aparecida Crepaldi, Milena da Rosa Silva e Vera Ramires por aceitarem o convite de integrarem tanto a Banca de Qualificação quanto a Banca de Defesa, auxiliando-me na reflexão sobre a construção desta dissertação, oferecendo importantes contribuições para esta investigação.

Aos meus amigos, que souberem respeitar o meu momento, aceitando minhas ausências.

E, por fim, aos participantes desde estudo, aos pais que aceitaram contribuir em nome deles e de seus bebês – sem eles nada disso seria possível!

Meu muito obrigada também aos professores, colegas e amigos que cruzaram o meu caminho e que, de alguma forma, contribuíram para que esta etapa fosse concluída.

*“Não me lembro de nenhuma
necessidade da infância tão grande
quanto a necessidade da proteção de
um Pai”.*

(Sigmund Freud, em “O mal-estar da
civilização”)

Sumário

Apresentação da Dissertação	11
Seção I.....	14
Quem é o novo pai? Concepções sobre o exercício da paternidade na família contemporânea	14
Resumo	14
Abstract.....	15
Introdução	15
Método.....	27
Delineamento	27
Participantes	27
Instrumentos e procedimentos de coleta de dados e éticos.....	28
Procedimento de análise dos dados.....	29
Resultados e Discussão.....	30
Descrição dos participantes.....	30
Percepção dos entrevistados sobre o exercício da paternidade.....	31
Percepção do entrevistado sobre a paternidade na condição de filho.....	35
Considerações Finais	41
Referências	43
Apêndices	48
Apêndice A – Entrevista de Triagem – Contato telefônico.....	48
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	50
Apêndice C – Ficha de Dados Sociodemográficos.....	51
Apêndice D – Roteiro de Entrevista Semiestruturada	53
Apêndice E – Parecer do comitê de ética	55
Seção 2.....	57
Função Reflexiva Paterna no Contexto de Interação Pai-Bebê.....	57
Resumo	57
Abstract.....	57
Introdução	58
Método.....	69
Delineamento	69
Participantes	69
Instrumentos e procedimentos de coleta de dados	70
Procedimento de análise dos dados.....	72

Resultados e Discussão	74
Caso A – Arthur e Ângelo.....	74
Caso B – Bruno e Bento.....	77
Caso C – Carlos e Caio	80
Síntese de Casos Cruzados.....	84
Considerações Finais	91
Referências	93
Apêndices	98
Apêndice A – Entrevista de Triagem – Contato telefônico.....	99
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	101
Apêndice C – Ficha de Dados Sociodemográficos.....	102
Apêndice D – Reflective Functioning Questionnaire	104
Apêndice E – Roteiro de Entrevista Semiestruturada.....	109
Apêndice F – Roteiro de Observação da Função Reflexiva Parental (ROFRP)....	111
Apêndice G – Resolução do Comitê de Ética.....	116
Considerações Finais da Dissertação	118
Referências da Dissertação	120

Lista de Abreviaturas e Siglas

CM	Capacidade de Mentalização
FR	Função Reflexiva
FRQ	<i>Reflective Functioning Questionnaire 54 – Portuguese version</i>
FRP	Função Reflexiva Parental
LAEPSI	Laboratório de Estudos em Psicoterapia e Psicopatologia
PEM	<i>Parental Embodied Mentalizing</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Função Reflexiva Paterna no Contexto de Interação Pai-Bebê

Resumo

As mudanças sociais que conduziram a uma reorganização da dinâmica familiar e, por sua vez, influenciaram o papel do homem no relacionamento conjugal e no envolvimento com a rotina de cuidados dos filhos orientam o objetivo geral desta investigação, o qual consiste em compreender o exercício da paternidade nas famílias contemporâneas, avaliando a Função Reflexiva paterna no contexto de interação pai-bebê. Foi utilizado delineamento exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa. Os instrumentos de pesquisa utilizados foram a Ficha de Triagem, a Ficha de Dados Sociodemográficos, o FRQ – *Reflective Functioning Questionnaire 54 – Portuguese version* e a Entrevista Semiestruturada, os quais integram questões fechadas e abertas. Eles foram aplicados a três pais, por conveniência, tendo em vista os critérios de inclusão e exclusão determinados para esta pesquisa. Como principais resultados, identificou-se que há características próprias do pai da atualidade, designado de novo pai, o qual visa estabelecer uma relação mais afetuosa com o filho, em comparação a de sua criação. É reconhecida, pelos pais entrevistados, a necessidade de uma atuação mais efetiva nos cuidados com o filho e, nesse sentido, uma revisão de valores e pensamentos sexistas que possam impedir sua plena participação na vida do bebê. Observou-se um esforço por parte dos pais analisados em identificar as necessidades de seus filhos, buscando estabelecer uma conexão que privilegie não apenas as questões cotidianas, mas também os aspectos relacionados aos estímulos emocionais da criança.

Palavras-chave: Função Reflexiva, Interação pai-bebê, Papel paterno, Novo pai, Contemporaneidade.

Paternal reflexive function in the context of father-baby interaction

Abstract

The social changes that led to a reorganization of the family dynamics and, in turn, influenced the role of the man in the conjugal relationship and in the involvement with the routine of care of the children oriented the general objective of this research, which consists in understanding the exercise of the paternity in contemporary families, evaluating the paternal Reflexive Function in the context of father-baby interaction. An exploratory-descriptive method was used, with a qualitative approach, and the research instruments used were the Screening Sheet, the Sociodemographic Data Sheet, the FRQ - Reflective Functioning Questionnaire 54 - Portuguese version and the Semistructured Interview, which integrate closed and open questions. They were applied to three parents, for convenience, in view of the inclusion and exclusion criteria determined for this research. As main results, it was identified that there are typical characteristics of the contemporary father, designated as a "new father", which aims to establish a more affectionate relationship with the child, compared to that of his creation. It is recognized by the parents interviewed the need for a more effective action in the care with the child and, in this sense, a review of values and sexist thoughts that can prevent their full participation in the life of the baby. An effort was made by parents analyzed to identify the needs of their children, seeking to establish a connection that privileges not only daily issues but also aspects related to the emotional stimuli of the child.

Keywords: Reflective Function, Parent-baby interaction, Paternal role New father, Contemporaneity.

Apresentação da Dissertação

A presente dissertação de mestrado aborda o conceito de Função Reflexiva, que consiste na capacidade de refletir sobre os próprios pensamentos e sentimentos, assim como os dos outros. Esse termo, oriundo dos estudos de Fonagy, Gergely, Jurist, & Target (2002), refere-se à condição de trazer à consciência os sentimentos e as necessidades de si, assim como de pessoas com as quais se convive.

Tal conceito é a base para os relacionamentos humanos, especialmente para aqueles em que se busca a interação e o vínculo emocional, como é o caso das relações familiares. Desde os primeiros dias de vida, um bebê já apresenta demandas que requerem, por parte do cuidador, uma compreensão de suas necessidades. Essa relação, na medida em que é estabelecida, contribui para o desenvolvimento emocional do bebê.

Na contemporaneidade, a dinâmica familiar se modificou. As mulheres, que antes eram responsáveis exclusivamente pelos cuidados com os filhos, adquiriram espaço no mercado de trabalho, exigindo uma reorganização das atividades do lar. Nesse contexto, o papel paterno, que antes figurava como provedor para o sustento familiar, passou a exigir mudanças e mais participação nas tarefas domésticas e nas responsabilidades cotidianas requeridas no cuidado e na educação de uma criança. Nesse sentido, a interação com o bebê, estabelecida principalmente pela mãe em tempos anteriores, altera-se na atualidade, trazendo o pai também para a rotina familiar.

Sob esse contexto, estabeleceu-se o problema de pesquisa que conduziu esta investigação: Como o pai contemporâneo opera a Função Reflexiva com seu bebê, durante o exercício da paternidade? Para tal resposta, buscou-se, inicialmente, identificar na literatura os conceitos que envolvem Função Reflexiva, apego e interação parental, assim como aspectos relacionados à estruturação familiar na contemporaneidade, especialmente com enfoque na paternidade.

O objetivo geral desta pesquisa consiste, portanto, em compreender o exercício da paternidade nas famílias contemporâneas, avaliando a Função Reflexiva paterna no contexto de interação pai-bebê. Os procedimentos metodológicos estabelecidos nesta investigação caracterizam-se pelo tipo exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa, e as técnicas de coleta de dados adotadas são a entrevista semiestruturada e a observação da interação pai-bebê. Os instrumentos de pesquisa utilizados foram a Ficha de Triagem, a Ficha de Dados Sociodemográficos, o FRQ – *Reflective Functioning Questionnaire 54 – Portuguese version* e a Entrevista Semiestruturada, os quais integram questões fechadas e abertas. Eles foram aplicados a três pais, selecionados pelo critério de conveniência, tendo em vista os itens de inclusão e exclusão determinados para esta pesquisa. Realizou-se uma análise dos conteúdos da entrevista, na qual se buscou dar relevância à fala do participante, de modo que fosse possível extrair dados significativos para uma posterior análise qualitativa. A interação entre o pai e o bebê foi analisada considerando o Roteiro de Observação da Função Reflexiva Parental (ROFRP). A filmagem dessa interação contribuiu para a compreensão da Função Reflexiva paterna.

Para o alcance do seu propósito, optou-se por desenvolver a presente pesquisa em etapas, as quais são apresentadas nesta dissertação por meio de dois artigos. O primeiro artigo, inserido na Seção I desta dissertação, intitulado *Quem é o novo pai? Concepções sobre o exercício da paternidade na família contemporânea*, traz como propósito compreender, a partir do olhar do novo pai, o exercício da paternidade na família contemporânea. Para tal, realizou-se uma análise do conteúdo oriundo dos depoimentos dos participantes entrevistados. Organizou-se a entrevista de maneira que fosse possível colher informações, visando identificar a percepção do entrevistado tanto na condição de filho quanto na sua atuação como pai.

O segundo artigo, intitulado *Função Reflexiva paterna no contexto de interação pai-bebê*, compõe a Seção II desta dissertação e objetivou investigar a Função Reflexiva paterna no contexto de interação pai-bebê. A metodologia utilizada para o alcance desse propósito teve como delineamento o estudo de casos múltiplos. Com base nas informações coletadas por meio das entrevistas e a partir da filmagem realizada com pai e bebê em uma circunstância de interação, analisou-se cada caso individualmente e, posteriormente, empreendeu-se a síntese de casos cruzados.

Após a apresentação das duas seções, realizou-se as considerações finais desta dissertação, visando ampliar as reflexões sobre o tema de investigação, desse modo auxiliando não apenas para a revisão da literatura na área, mas também sobre as práticas familiares e, em especial, sob as condutas paternas, nos dias de hoje. Esta pesquisa propõem-se a contribuir para os estudos atuais, os quais, ainda incipientes, colocam a função da paternidade como centro de investigação. Ao se reconhecer um redimensionamento da atuação do homem no cuidado dos filhos e a sua perspectiva em relação à paternidade sob os moldes contemporâneos, torna-se possível entender de maneira mais detalhada as estruturas familiares que se configuram na atualidade.

Seção I

Quem é o novo pai? Concepções sobre o exercício da paternidade na família contemporânea

Resumo

O presente estudo tem como tema o papel paterno na atualidade. Para tal, definiu-se como objetivo geral compreender, a partir do olhar do novo pai, o exercício da paternidade na família contemporânea. Utilizou-se delineamento exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa. Participaram desta pesquisa três pais, moradores da cidade de Porto Alegre/RS e região metropolitana, que responderam os seguintes instrumentos: Ficha de Triagem, Ficha de Dados Sociodemográficos e Entrevista Semiestruturada. Com os dados coletados por meio da entrevista, realizou-se uma análise do conteúdo das falas dos participantes. Tal análise foi desenvolvida, tendo como base duas categorias: a percepção do entrevistado sobre o exercício da paternidade e a percepção do entrevistado sobre a paternidade na condição de filho. Os resultados apontaram que ser pai, na atualidade, afasta-se dos modelos tradicionais, uma vez que os pais exercem uma postura diferente com seus filhos da vivenciada na sua relação com seus progenitores. O pai contemporâneo mostra-se envolvido emocionalmente, mais participativo e comprometido, dividindo as tarefas de cuidado dos filhos e da casa com a esposa. A partir do ponto de vista do próprio pai, chegou-se a esses resultados, sendo possível compreender o exercício da paternidade na família contemporânea.

Palavras-chave: Paternidade, Novo pai, Contemporaneidade, Relações familiares.

Who is the new father? Conceptions about the exercise of paternity in the contemporary Family

Abstract

The present study has as its theme the paternal role in the present time. For this, it was defined as a general concept, from the new father's perspective, the exercise of paternity in the contemporary family. An exploratory-descriptive, qualitative approach was used. The three fathers, residents of the city of Porto Alegre / RS and Metropolitan Region, received the following instruments: Screening Sheet, Sociodemographic Data Sheet and Semistructured Interview. With the data collected through the interview, an analysis was made of the content of the participants' speeches. This analysis was developed based on two categories: the interviewee's perception about the exercise of paternity and the interviewee's perception of paternity as a child. The results pointed out that to be a father, actuality, differs from the traditional models, because contemporary fathers exert a different posture with their children's experience compared with their own experience with their fathers. The contemporary father is more involved emotionally, more participatory and committed, dividing up childcare and housework tasks with the wife. From the look of the father, those results were reached, and it is possible to understand the exercise of paternity in the contemporary family.

Keywords: Fatherhood, New father, Contemporaneity, Family relationships.

Introdução

Ao se pensar a respeito da evolução histórica do papel do pai, é necessário levar em conta os movimentos sociais que acompanham as discussões sobre o papel da mulher na sociedade. Tal abordagem conduz a um movimento coletivo em prol dos direitos

femininos, os quais se perpetuam em diferentes esferas sociais e impactam diretamente no núcleo familiar. Nesse sentido, concepções e conceitos configuram esses distintos momentos históricos da mulher e, por sua vez, das famílias. Negreiros e Féres-Carneiro (2004) estabelecem essas mudanças como “modelo antigo” e “modelo novo” de família. Costa (1983), Cúnico e Arpini (2013) e Roudinesco (2003) definem tais alterações na constituição familiar marcada por três fases: a tradicional, a moderna e a contemporânea ou pós-moderna.

Sob a ótica das concepções de família como “modelo antigo”, está a demarcação da precisão de identidade de gênero ou das figuras masculinas e femininas, que apresentam características direcionadas em comportamentos, atitudes e interesses, num momento no qual o casamento é considerado indissolúvel e ligado à reprodução e ao papel da mulher como cuidadora do lar e dos filhos. Já o conceito de família pelo “modelo novo” traz uma marca identitária fluida, com a mulher participando ativamente do mercado de trabalho. Nessa ótica, a sexualidade não está atrelada obrigatoriamente à reprodução e os casamentos podem ser rompidos quando uma das partes desejar (Negreiros & Féres-Carneiro, 2004).

Embora apresentem termos distintos, Costa (1983), Cúnico e Arpini (2013) e Roudinesco (2003) consideram, nas três fases que estabelecem, os aspectos abordados por Negreiros e Féres-Carneiro (2004). Ao designá-las como tradicional, moderna ou contemporânea, concentram-se nas estruturações do núcleo familiar.

Quanto à família tradicional, os autores indicam que havia uma preocupação com a transmissão do patrimônio, e, por isso, os casamentos eram arranjados pelos pais dos noivos. A questão do amor e a vida sexual do casal não eram levados em consideração nessa época, havendo submissão da família frente à autoridade patriarcal. Já a família moderna, também designada de família nuclear ou família conjugal burguesa, emergiu

junto a ascensão da burguesia do século XVIII, seguindo, justamente, o sistema de valores burgueses. Nessa fase, diferentemente da anterior, impera o amor entre os cônjuges, se estabelecendo uma relação hierárquica entre homens e mulheres. Os cuidados e o bem-estar dos filhos têm importância central nessa relação (Costa, 1983; Reis, 2010; Roudinesco, 2003). A divisão de tarefas dentro do ambiente familiar colocou o homem como responsável pela produção, ou seja, pelo sustento do lar, enquanto a mulher era incumbida dos cuidados dos filhos e da casa (Cúnico & Arpini, 2013; Reis, 2010; Silva, 2010).

Restrita à vida privada, a esposa ocupava, no modelo de família moderna, um papel de subjugação em relação ao cônjuge, uma vez que dependia jurídica, moral, econômica e religiosamente do esposo (Badinter, 1980/1985; Cúnico & Arpini, 2013; Roudinesco, 2003; Silva, 2010; Staudt & Wagner, 2008). A mulher, por ser responsável pelas atividades domésticas, passa a ser vista como um ser frágil e não apto à atividade intelectual, que abre mão de seus desejos e vontades para dedicar-se à família. A imagem do homem, em contrapartida, se mostrava como forte e vigorosa, ao desempenhar seu papel como provedor da família, inclusive na formação de valores morais (Badinter, 1980/1985; Costa, 1983; Cúnico & Arpini, 2013; Roudinesco, 2003; Reis, 2010; Silva, 2010).

Tanto na estruturação do modelo de família tradicional ou moderna, a paternidade se revelava essencialmente por uma relação fria, distante e autoritária com os filhos, não havia manifestações de afeto. Era marcada pela ideia da diferença, calcada na hierarquia familiar, em que o adulto era detentor do saber, fazendo isso prevalecer através da sua autoridade. O pai desempenhava uma função educadora e disciplinadora, sendo simbolicamente importante para as crianças como modelo de poder e autoridade (Benczik, 2011; Freitas, Coelho, & Silva, 2007; Gabriel & Dias, 2011; Ramires, 1997).

A família moderna calcava-se em um modelo de relações afetivas, sexuais e hierárquicas (Cúnico & Arpini, 2013; Silva, 2010). A crise nessa configuração familiar instaurou-se na virada do século XX, pois o modelo da família burguesa seguiu trajetórias diferentes, produzindo efeitos distintos nas diversas classes sociais, fazendo com que a família se despatrimonializasse e a figura masculina perdesse sua rígida hierarquia de dominância (Cúnico & Arpini, 2013; Pereira, 2011; Perucchi & Beirão, 2007; Petrini, 2005; Reis, 2010; Silva, 2010).

Esse cenário conduziu a mulher ao mercado de trabalho e trouxe questionamentos e reformulações quanto ao lugar da mulher na sociedade. Isso contribuiu para a expansão do movimento feminista, o qual levou, inclusive, ao desenvolvimento de métodos anticoncepcionais, bem como passou a considerar a possibilidade do divórcio (Oliveira & Pelloso, 2004; Pereira, 2003; Ramires, 1997; Reis, 2010; Roudinesco, 2003; Silva, 2010). Tais fatos repercutiram diretamente na família, pois o desempenho da mulher como esposa e mãe estava ligado ao sucesso e ao prolongamento do casamento (Cúnico & Arpini, 2013; Reis, 2010).

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (Goldani, 1994) veio a consolidar o que os movimentos sociais almejavam: os princípios fundamentais para o ordenamento jurídico brasileiro. A partir desses princípios, dentre os quais o da cidadania e o da dignidade humana (art. 1º, II e III), houve a reformulação de algumas concepções que orientavam as normas jurídicas no Brasil. Com a Constituição de 1988, aboliu-se a distinção entre filhos nascidos na constância do matrimônio e aqueles tidos fora do casamento, não havendo, assim, ilegitimidade de filhos tidos fora do casamento. Também se previu a igualdade de gênero, bem como o reconhecimento da união estável como forma de organização familiar (Fonseca, 2005; Pereira, 2011).

Permeada por essas mudanças é que se constitui a família contemporânea ou pós-moderna, na qual passa a ser admissível o rompimento entre os pares; ou seja, o casamento não é considerado mais um pacto familiar indissolúvel. No momento em que o afeto, o companheirismo, os desejos e os objetivos em comum estejam em discordância, é possível romper o casamento (Cúnico & Arpini, 2013; Pereira, 2011; Roudinesco, 2003; Spengler, 2012).

Esses novos direitos adquiridos pelas mulheres trouxeram à tona comportamentos sociais que revelaram novas configurações familiares e, frente à possibilidade de divórcios, separações e recomposições conjugais, o exercício da maternidade e da paternidade implicaram em novas funções, as quais não mais apresentam uma ideia fixa de pai provedor e de mãe incumbida da família e dos cuidados domésticos. O novo cenário conduziu a uma maior igualdade de tarefas e responsabilidades entre os membros da família (Grzybowski, 2002; Ramires, 1997; Roudinesco, 2003; Silva, 2010; Soares, 2008; Wagner, 2002).

Diante dessa nova estruturação familiar, com mães ocupadas profissionalmente e não dedicadas exclusivamente ao lar, alterou-se também o papel exercido pelo homem no contexto da família, tanto na dinâmica dos cuidados com a casa quanto no exercício da paternidade, sendo, assim, necessária sua dedicação aos filhos, bem como às tarefas domésticas (Crepaldi, Andreani, Hammes, Ristof, & Abreu, 2006; Oliveira & Peloso, 2004; Ramires, 1997; Souza & Benetti, 2009; Vieira et al., 2014). Assim, as transformações ocorridas nas famílias repercutiram para um novo delineamento dos papéis¹ maternos e paternos na contemporaneidade.

¹ Entende-se o conceito de *papel* conforme a perspectiva de Maisonneuve (1977), o qual considera a concepção do termo como a reunião de normas sociais que orientam a vida de um sujeito enquanto ser social.

Diferentemente do modelo tradicional de paternidade, o pai da atualidade, nessa estrutura familiar contemporânea ou pós-moderna, é demandado socialmente para que exerça uma paternidade mais implicada e ativa no que se refere à convivência e aos cuidados com os filhos (Bossardi & Vieira, 2010; Gomes & Resende, 2004; Ramires, 1997). Os estudos que buscam definir as funções paternas na família e no desenvolvimento infantil, contudo, não apresentam um consenso do que predomina como característica na paternidade de hoje. Bossardi e Vieira (2010) indicam que a diferença da paternidade pós-moderna para a moderna consiste em uma manifestação mais explícita de sentimentos dos pais com os filhos, assim como um contato físico mais próximo e íntimo.

O modelo de paternidade contemporâneo é chamado, segundo Bolze e Crepaldi (2015), de emergente. Nele, identifica-se que há uma pluralidade de modos de ser pai e isso não pode ser entendido apenas com base na sua relação com a família de origem: “O jeito de ser pai será sempre muito particular de cada um e estará relacionado à história de vida, a características individuais e a processos familiares, às necessidades que surgirem pelo caminho, ao contexto social e à cultura” (Bolze e Crepaldi, 2015, p. 40).

O novo pai – termo também utilizado para referir-se ao pai contemporâneo e que será adotado para designá-lo neste trabalho – deseja reformular a sua experiência vivida na infância, considerando-se mais feliz e realizado com o ativo envolvimento no cuidado e educação dos filhos. A sua ausência é apontada em prejuízos no processo de ensino-aprendizagem, no desenvolvimento moral e na formação da identidade de gênero (Goetz e Vieira, 2015; Ramires, 1997; Silva & Piccinini, 2007; Vieira et al., 2014). Diante dessas novas atribuições, Staudt e Wagner (2008) indicam que muitos homens passaram a vivenciar a paternidade de forma distinta do modelo constituído na relação com o seu próprio pai.

As autoras ainda salientam que, apesar dessa nova estruturação de papéis, muitos homens ainda não se envolvem tão ativamente em tarefas domésticas e de cuidado com os filhos. Indicam que isso está associado a crenças relacionadas ao fato de o cuidado estar vinculado ao gênero feminino. Além disso, é evidenciado o aspecto biológico da mulher, uma vez que a relação com os filhos se estabelece já no ventre materno e apenas sua fisiologia é apta a amamentar. Relaciona-se a gestação e a lactação, por serem exclusividade da mulher, à condição instintiva e natural de estar mais bem preparada para desempenhar a função do cuidar. Bossardi e Vieira (2015) também trazem essa perspectiva, salientando, por sua vez, que as marcas biológicas femininas, ao estabelecer relação mãe-bebê, reforçam socialmente o papel da mulher como cuidadora.

Diante disso, salienta-se que, apesar das especificidades fisiológicas femininas, o homem pode, sim, desempenhar um papel ativo nos cuidados com os filhos. Cabe, portanto, sustentar esse lugar de efetiva participação, o que implica na revisão de crenças e valores que pautam e permeiam nossa cultura (Cúnico & Arpini, 2013; Staudt & Wagner, 2008). Nesse sentido, para que se realize um bom ajustamento quanto às tarefas e às funções familiares, é necessário que os cônjuges consigam compartilhar responsabilidades enquanto pais, implicando num envolvimento conjunto e de reciprocidade dos pais na educação dos filhos (Bossardi & Vieira, 2015).

Há diversas teorias que buscam compreender o papel do pai: a perspectiva sistêmica visa observar o fenômeno por meio de uma abordagem integral e contextualizada; a teoria psicanalítica se orienta na compreensão psíquica simbólica do sujeito; a perspectiva evolucionista integra o percurso filogenético e ontogenético. Além disso, há a perspectiva geracional, ou seja, observando-se as continuidades e as distinções nos papéis de uma geração para a outra, numa mesma família. Sob essa ótica, considerando o comportamento paterno, Bolze & Crepaldi (2015) reforçam que há uma

tendência a se reproduzir os modelos aprendidos na infância. Destacam, contudo, que a participação mais ativa da mulher no mercado de trabalho conduziu os homens a papéis mais participativos na esfera familiar, o que, de certo modo, levou a uma descontinuidade nos padrões geracionais tradicionais. Indicam, em contrapartida, a dificuldade que se tem em romper padrões, especialmente os modelos geracionais negativos (Bolze & Crepaldi, 2015).

Em pesquisa realizada pelas autoras, elas identificaram que a maior parte dos pais² afirmou agir com seus filhos de modo semelhante ao comportamento recebido na infância por seus pais. Eles expuseram que a inspiração paterna está relacionada ao zelo, a explicações sobre o que é certo e o que é errado, além do respeito a outras pessoas. O fator de primazia apontado por esses pais está no incentivo à educação, o qual indicam reforçar com seus filhos.

Maternar é o verbo utilizado na designação do exercício da paternidade atual, quando o homem se comporta para cuidar e atender às necessidades da criança (Ramires, 1997). Abade e Romanelli (2018) sinalizam que o maternar não se configura como intuição feminina, mas está vinculado a aprendizados sociais e culturais construídos com base em normas que são modificadas de acordo com o contexto histórico. Nessa perspectiva, o pai pode aprender a desempenhar seu papel como cuidador do mesmo modo que ele é aprendido pela mãe.

O conceito trazido pelos autores vem ao encontro da abordagem apresentada por Ramires (1997), a qual indica que a maternidade e a paternidade transcendem o aspecto biológico, alcançando um estatuto psicológico e social. O ato de gestar, dar à luz ou amamentar não garantem a experiência da maternagem, assim como as peculiaridades do

² O termo pais, quando se referir ao pai e mãe, será indicado no texto, no formato a seguir: pais (pai e mãe); caso não haja indicação, a acepção da palavra designa pai ou pais – relativo à paternidade.

gênero masculino não estão vinculadas à capacidade do cuidar, podendo exercer, assim, também, na plenitude, a maternagem.

As mudanças nas configurações familiares têm despertado o interesse de pesquisadores sobre a participação paterna nos cuidados dos filhos. Embora ainda seja pouco explorada a atuação do pai no cotidiano das crianças na primeira infância, há autores como Bossardi e Vieira (2010) e Fleck e Wagner (2003) que trazem em seus estudos a importância dos pais na constituição psíquica da criança, especialmente dos bebês, e que se apresentam tão capazes quanto as mães de exercerem as funções de cuidado e educação.

Bossardi e Vieira (2015) esclarecem que o cuidado paterno pode ser entendido tanto por fatores ligados a aspectos evolutivos quanto culturais. Entre os evolutivos estão a oportunidade de acasalamento, a certeza de paternidade e a sobrevivência da prole. Já aspectos culturais integram a própria necessidade e vontade de equalizar as funções maternas e paternas. Sinalizam, no entanto, que o investimento parental não é desempenhado igualmente pelo pai e pela mãe, uma vez que há diferenças estabelecidas por fatores culturais e contextuais: “Fatores como idade, sexo e número de filhos, satisfação conjugal, experiências estressantes na infância e condições de vida são atrelados à intensidade desse investimento” (Bossardi & Vieira, 2015, p. 22).

A literatura indica que o pai da atualidade, ou o novo pai, como abordam Goetz e Viera (2009), não apresenta, em geral, um modelo específico, mas, sim, há coexistência entre o modelo de pai tradicional e o modelo de pai contemporâneo. Tal característica é entendida pelos autores como positiva, uma vez que o modelo tradicional, de pai provedor, o qual proporciona segurança e autoridade, se soma aos aspectos emocionais do pai contemporâneo, que se caracteriza pelo envolvimento afetivo com os filhos e com

a esposa, assim como atua de forma mais ativa nas tarefas do lar (Benczik, 2011; Freitas et al., 2007; Gabriel & Dias, 2011; Ramires, 1997).

Esse novo pai, contudo, que tem o papel de provedor e, ao mesmo tempo, participativo nas atividades de casa e engajado emocionalmente com a família, embora seja identificado como o pai ideal, nem sempre consegue sustentar essa condição (Beltrame & Bottolli, 2010). Por conta da intensa carga horária de trabalho, por exemplo, muitos pais referem não conseguir exercer um papel tão ativo na divisão das tarefas de cuidados dos filhos com a esposa.

Sob essa ótica que se torna importante compreender os aspectos que caracterizam o envolvimento paterno. Tal conceito é abordado nas pesquisas de Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985), os quais o estruturam sob três dimensões de avaliação com base no comportamento do pai, são elas: interação, acessibilidade à criança e responsabilidade. A primeira envolve a interação do pai de forma direta com o filho – ao cuidar, brincar e envolver-se em atividade de lazer; a segunda consiste na disponibilidade desse para com o filho para possíveis interações entre ambos; a terceira refere-se ao pai responsabilizar-se pelo cuidado, ou seja, o pai como principal cuidador da criança. Esse compromisso paterno, no qual há um maior envolvimento emocional e com as demandas de rotina do filho, é indicado por Vieira et al. (2014) como um fator de proteção para o desenvolvimento da criança.

Nesse sentido, Parke (1996 apud Castoldi, Gonçalves, & Lopes, 2014) apresenta, em seu estudo, os elementos que podem contribuir para o envolvimento paterno com o filho: questões internas do pai, como, por exemplo, experiências próprias da sua paternidade; contexto sociocultural; qualidade da relação conjugal; percepções sobre o seu papel como pai, assim como a percepção da esposa sobre a atuação do marido na função paterna. Tais fatores são identificados pela autora como itens que influenciarão no

comportamento do pai quanto à participação nos cuidados do filho ou até mesmo na condição de principal cuidador.

Bolze e Crepaldi (2015) indicam, com base em seus estudos, que há três fatores principais aos quais os pais devem se atentar ao terem o intuito de desenvolver a atividade paterna com qualidade. O primeiro está em buscar manter uma relação cordial com sua família de origem; o segundo consiste no empenho que deve ter para que consiga estabelecer uma relação conjugal na qual haja uma comunicação aberta, bem como possibilidades construtivas para a resolução de conflitos; o terceiro fator está no engajamento na vida da criança desde o período gestacional, acompanhando de perto todas as fases desenvolvimentais do bebê.

Em estudos sobre a participação paterna, o pai tem se mostrado como principal fonte de apoio social para a mãe, e tal característica está estabelecida desde a gestação até os cuidados com o bebê após o nascimento (Rapoport & Piccinini, 2006; Silva & Piccinini, 2007). A participação paterna aparece como uma forma de proteção para a mãe, pois, ao se sentir segura, ela consegue estabelecer um bom vínculo com o bebê. Esse apoio é percebido diante das manifestações de carinho, encorajamento e assistência recebidos por parte do parceiro.

O apoio conjugal é apontado, inclusive, como uma influência indireta no bem-estar psicológico e no comportamento de ambos, enquanto pais (pai e mãe). Acredita-se que diante do apoio, conselhos e assistência oferecidos pelo parceiro, a tendência é que o cônjuge não sinta de forma tão estressora os eventos adversos vivenciados em suas vidas (Rapoport & Piccinini, 2006). Os autores sinalizam que o engajamento paterno pode ser prejudicado se houver situações oriundas de fortes conflitos conjugais e isso pode comprometer relações futuras da criança com amigos, familiares e cônjuge. Nesse sentido, a relação dos pais (pai e mãe) também afeta e ajuda a regular o comportamento

social das crianças. Os relacionamentos íntimos em sua adultez estão ligados à experiência que tiveram com a família de origem (Bolze & Crepaldi, 2015).

A participação paterna como fonte de apoio para a mãe também foi avaliada como uma influência positiva no desenvolvimento do apego entre mãe e bebê (Rapoport & Piccinini, 2006). Destaca-se que, conforme Castoldi et al. (2014), a mãe se sente amparada pelo companheiro quando o pai tem o papel de provedor no sustento familiar, sendo o principal responsável pelas despesas da casa, o que é visto, pela mulher, como um pai que possui envolvimento e comprometimento com seus filhos e esposa. Tal perspectiva vem ao encontro das abordagens sobre o “novo pai”, o qual, mesmo tendo características próprias do modelo contemporâneo, mantém aspectos que ainda estão pautados no modelo tradicional.

O estudo qualitativo realizado por Krob, Silva e Piccinini (2009), voltado ao comportamento dos pais no período gestacional até o segundo mês de vida do bebê, trouxe resultados que evidenciaram que quando o pai não sentia, por parte da esposa, uma abertura para tomada de uma posição frente aos cuidados do filho e/ou se sentia em desaprovação, tendia a não estabelecer uma relação de cuidado, exercendo assim uma relação tradicional com o bebê. Tal aspecto remete aos conceitos de envolvimento paterno abordados por Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985), em especial o que ele designa como *disponibilidade*, na medida em que o sentimento de desaprovação da esposa no exercício da paternidade do marido pode inibir uma interação mais intensa entre pai e filho.

Castoldi et al. (2014), ao também investigarem o comportamento dos pais³ em período gestacional até o primeiro ano de vida do bebê, apontaram que, a partir das aquisições motoras que o bebê tem, o pai tende a engajar-se mais nos cuidados com o

³ O termo *pais* neste estudo abrange a função materna e paterna. Nesta investigação, apenas se trouxe os resultados referentes ao pai.

filho, buscando uma construção de vínculo entre pai-bebê. O pai, ao notar que o bebê já possui certa firmeza de movimentos, sente-se mais confortável a desempenhar as tarefas de cuidado.

Em relação aos sentimentos paternos frente à experiência de se tornar pai, o estudo de Gonçalves, Guimarães, Silva, Lopes e Piccinini (2013) indicou que a experiência frente à paternidade era demarcada por satisfação e sentimentos positivos. Tal pesquisa, concentrada em bebês até o terceiro mês de vida, apresentou pais que manifestaram desejo de participar ainda mais da vida dos filhos, embora tenham destacado que o cotidiano de cuidado com os filhos pode ser bastante cansativo.

Frente a esse cenário, ao se considerar essa nova organização social, a qual impacta diretamente na dinâmica familiar, identifica-se a necessidade de trazer a figura paterna para o centro das investigações. Ao se entender seu posicionamento e os aspectos que caracterizam essa nova conjuntura, torna-se possível atuar, enquanto psicóloga, de forma mais assertiva, na medida em que se reconhece as demandas do núcleo familiar no contexto atual. Com base nessa premissa, definiu-se como objetivo desta investigação compreender, a partir do olhar do novo pai, o exercício da paternidade na família contemporânea.

Método

Delineamento

Desenvolveu-se um estudo de caráter exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa.

Participantes

Participaram do estudo três pais, os quais foram acessados por conveniência (Sampieri, Collado, & Lucio, 2013). O perfil de participantes determinados para esta investigação consistiu em pais que se ocupassem diariamente dos cuidados dos filhos, dividindo e auxiliando nas tarefas de alimentação, troca de fraldas, hábitos de higiene, participando ativamente das decisões referentes ao filho. A família deveria residir em Porto Alegre/RS ou região metropolitana. Os critérios de exclusão foram: o pai ter idade inferior a 18 anos e/ou possuir patologias ou outros comprometimentos que impedissem a participação nos procedimentos da pesquisa.

Os participantes receberam nomes fictícios para preservar suas identidades. Na Tabela 1, apresenta-se a descrição dos participantes.

Tabela 1

Dados dos participantes

Pai A – Arthur	Pai B – Bruno	Pai C – Carlos
37 anos	33 anos	34 anos
Advogado; pós-graduado	Advogado; pós-graduado	Empresário; pós-graduado
Casado com Ana há 5 anos	Casado com Bárbara há 1 ano	Casado com Cristiane há 4 anos
Primeiro filho do casal	Primeiro filho do casal	Primeiro filho do casal
Bebê Ângelo – 1 ano e 3 meses	Bebê Bento – 5 meses	Bebê Caio – 1 mês e 7 dias

Nota. Elaborado pela autora.

Instrumentos e procedimentos de coleta de dados e éticos

A proposta deste estudo foi divulgada por meio de uma postagem de um folder digital, nas redes sociais da autora, a qual também foi compartilhada por suas redes de contatos. Dessa forma, obteve-se a manifestação inicial por parte dos interessados em participar da pesquisa. Posteriormente, realizou-se contato telefônico, a fim de explicar os objetivos da investigação, reforçar a garantia quanto aos direitos de sigilo e do caráter voluntário em participar do estudo, assim como verificar os critérios de inclusão e

exclusão da pesquisa. Esse primeiro procedimento definiu-se como entrevista de triagem e para qual se utilizou a Ficha de Triagem (Apêndice A).

A partir disso, marcou-se um encontro presencial com o participante no consultório de atendimento clínico particular da pesquisadora. Na ocasião, primeiramente realizou-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B) e, a seguir, preencheu-se a Ficha de Dados Sociodemográficos (Apêndice C) para se obter dados gerais sobre o pai.

Por último, realizou-se uma entrevista semiestruturada, com base no Roteiro de Entrevista Semiestruturada (Apêndice D), com vistas a descrever e avaliar a relação do entrevistado com o seu pai, a forma como percebe o exercício da paternidade na família contemporânea, bem como o redimensionamento do papel paterno e seus sentimentos diante da sua atuação de pai. Além desses aspectos, foram abordadas ao longo da entrevista perguntas relacionadas ao período gestacional da esposa, o envolvimento paterno nos cuidados com o filho, a compreensão do pai a respeito dos estados mentais do bebê e questões referentes ao relacionamento conjugal do casal. Essas questões não foram analisadas neste trabalho. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Salienta-se que o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS, sob o nº CAAE CAAE 90968418.8.0000.5344, o qual obteve aprovação (Resolução 2.719.548), (Anexo A), pois cumpriu com as exigências éticas e metodológicas esperadas de uma pesquisa que envolve seres humanos.

Procedimento de análise dos dados

Para análise dos dados deste estudo realizou-se uma avaliação individual dos dados obtidos em cada caso. Foram utilizados, para isso, a Ficha de Dados Sociodemográficos, a fim de confirmação de dados pessoais dos participantes e de

caracterização dos participantes, e o Roteiro de Entrevista Semiestruturada, o qual propiciou uma análise de forma global, qualitativamente, sobre o conteúdo das falas dos participantes.

Nessa perspectiva, elegeu-se duas categorias de análise: a *percepção do entrevistado sobre o exercício da paternidade*, para entender de que forma ele compreende o seu papel paterno, bem como seus sentimentos em relação ao seu lugar de pai; e a *percepção do entrevistado sobre a paternidade na condição de filho*, para compreender a atuação do pai do entrevistado, verificando as influências que o modelo exerce na sua atuação como pai.

Resultados e Discussão

Descrição dos participantes

Arthur, 37 anos, é casado há 5 anos com Ana, 35 anos; são pais de Ângelo, de 1 ano e 3 meses, fruto de uma gravidez muito desejada e planejada por ambos. Arthur relatou que sempre desejou ser pai, narrando com alegria a lembrança do momento em que realizaram o exame para detecção da gravidez, bem como a felicidade que sentiram quando de seu resultado.

O participante Bruno, de 33 anos, casou-se há 1 ano com Bárbara, 25 anos, quando soube da gravidez de Bento. O filho do casal tem 5 meses. Bruno relata que seu relacionamento com Bárbara estava em estágio inicial, quando souberam que teriam um filho; apesar de ele desejar ser pai, conta que a notícia o deixou surpreso. Para Bruno, o período gestacional de Bárbara fez com que o relacionamento se intensificasse.

Carlos, 34 anos, é casado há 4 anos com Cristiane, 33 anos. A união dos dois resultou no nascimento de Caio, com 1 mês e 7 dias. Carlos relata que a vontade maior de ter um filho partiu dele, afirmando que Cristiane nunca manifestou claramente o seu

desejo em tornar-se mãe. Houve muito planejamento do casal para a concretização da gravidez, destacando a conclusão de etapas consideradas importantes para a vida profissional de ambos.

Percepção dos entrevistados sobre o exercício da paternidade

Em relação à categoria *percepção do entrevistado sobre o exercício da paternidade*, o desejo de tornar-se pai foi referido por todos os participantes. No caso de Arthur e Carlos, o desejo tornou-se um planejamento de vida para o casal e uma espera, a qual foi repleta de expectativas. A confirmação da gravidez trouxe sentimentos de “alegria”, “felicidade”, “concretização de desejo” e, no caso de Bruno, inicialmente, “surpresa”, pois se encontrava em início de relacionamento com a companheira, quando souberam que seriam pais. Os participantes atribuíram ao desejo de tornarem-se pais a postura participativa: “Eu sempre quis ter filho, então nada mais justo que eu me fazer presente” (Bruno, 33 anos).

A postura participativa dos pais iniciou já no período gestacional das esposas, ficando claro o empenho físico e emocional ao longo de todo o período da gestação. Arthur relata que esteve ativamente presente no período de gestação de Ana, acompanhando-a em consultas médicas, auxiliando-a em atividades de organização da casa e da rotina do casal. Relembra, inclusive, as duas últimas semanas que antecederam o nascimento de Ângelo, quando Arthur passou a levar a esposa até o local de trabalho.

Apresenta dados da sua participação na rotina do casal em prol da gravidez: “Assim, no dia a dia, tu ia percebendo que as coisas tavam indo bem. A saúde da Ana tava boa [...] E eu me envolvi também; eu gosto de cozinhar, então ela me dava a lista do que ela precisava comer e eu ia no supermercado, aí eu fazia as coisas pra ela comer...” (Arthur, 37 anos). Destaca-se que tal apoio por parte do pai, já no período gestacional, reflete-se de forma muito importante para a mãe, fazendo com que ela se sinta mais

amparada e segura, encorajando-a a exercer o seu papel – isso irá influenciar positivamente no vínculo a ser constituído com o bebê (Rapoport & Piccinini, 2006; Silva & Piccinini, 2007).

Arthur deixa bem explícito em sua narrativa o quanto as suas expectativas iam crescendo na medida em que o tempo gestacional ia passando, demonstrando seu engajamento ao longo de toda a gestação, expondo uma conduta, de fato, participativa. Identifica-se também seu envolvimento emocional, ao explicitar sua angústia e expectativa quanto à saúde do bebê.

No diálogo, se evidencia as preocupações que os pais tinham em razão dos cuidados a serem desempenhados com os filhos. Bruno, por sua pouca experiência com bebês, questionava-se: “se ele ficar doente, o que eu vou fazer? [...] se eu tiver que trocá-lo, o que eu vou fazer? [...] e se ele chorar de noite?...”. Na mesma perspectiva, Arthur narra: “existia assim, no início, aquela ansiedade, como que vou passar a ser pai, tanto eu ser pai quanto se eu ia conseguir entender o que o Ângelo queria”.

Arthur narra sobre a primeira noite, como a dificuldade materna em amamentar, assim como sua atuação ao tentar acalmar Ângelo, mantendo-o no colo. Traz à lembrança a primeira troca de fraldas e resgata, pela memória sensorial, de que pegava na barriguinha de Ângelo, a qual, por seu tamanho, preenchia a sua mão – e que hoje seu filho cresceu. Fala, com entusiasmo, de suas primeiras condutas como pai: “eu pegava ele todo desajeitado”.

Os elementos reforçam as inseguranças que muitos pais têm em cuidar de bebês; as crenças estão vinculadas ao fato de o cuidado de crianças pequenas estar associado a melhores desempenhos das mulheres, segundo Staudt e Wagner (2008), o qual é reforçado, ainda, pela condição da gestação e do amamentar, visto que são funções de

exclusividade da mulher. Isso leva a crer que a mulher se encontra mais apta a desempenhar os cuidados de recém-nascidos.

Carlos, ao ser questionado sobre a sua atuação paterna, relatou que se sentia tranquilo. Conta que, por insistência da esposa, eles participaram de um curso preparatório para pais antes do nascimento de Caio:

“Eu nunca tive nenhum receio, acho também que pro homem é mais fácil, né, a mulher, que acaba sofrendo todas essas mudanças no corpo e pro homem talvez não tenha tanta, seja natural, não tenha tanta preocupação. Eu sabia que a hora que ele fosse nascer eu ia dar meu jeito, né, ia procurar informação, ia fazer as coisas darem certo, mas assim, não tive assim nenhuma preocupação de perde sono, né”.

Os elementos apresentados vem ao encontro das considerações de Staudt e Wagner (2008), mencionadas anteriormente, sobre a ideia de aptidão feminina para a maternidade: Carlos parece reforçar essa crença, não se sentindo preocupado pelo nascimento do filho, pois sua esposa saberia conduzir os cuidados e, quando ele fosse solicitado, caso não soubesse, buscaria informação. Manifesta, inclusive que, logo após o nascimento de Caio, buscou informações a respeito do bem-estar do bebê e montou uma rotina de cuidados para o casal.

O relato de Arthur revela um comportamento que Ramires (1997) designa de materno, uma vez que indica desempenhar atividades de cuidado com o filho, sendo sensível, responsivo e afetuoso nas ações com ele. Traz detalhadamente episódios dos primeiros meses de vida de Ângelo, de como lidava com os problemas gastrointestinais do bebê, e de como sabia conduzir a situação para acalmá-lo: “ele tinha problema na barriga, gases, eu sabia o jeitinho que ele parava, ficava um pouquinho melhor, acalmava ele”. A lembrança de Arthur é permeada por sentimentos afetivos, demonstrando ser um pai carinhoso, amoroso e atencioso – elementos essenciais para que se construa a personalidade do filho.

As condutas de maternar também são percebidas na postura de Bruno, ao expor a forma como auxilia a esposa nos cuidados do filho: “eu ajudo a trocá-lo, eu ajudo a dar banho, ajudava a pegar ele pra colocar no seio, na hora de mamar... dou uma nanadinha pra ele dormir, essas coisas...”. A conduta sensível e o envolvimento emocional do pai ao cuidar de seus filhos são destacados como um fator de proteção para o seu desenvolvimento. Crianças que têm experiências positivas com o pai apresentam melhores níveis de desempenho escolar, melhores habilidades sociais, são mais empáticas (Ramires, 1997; Silva & Piccinini, 2007; Vieira et al., 2014).

Os pais mostraram-se satisfeitos em participar ativamente das tarefas de cuidado dos filhos. Carlos manifestou explicitamente isso: “eu queria ter uma participação nos primeiros dias, no crescimento dele, né”. Bruno destaca o seu envolvimento nos cuidados de Bento como sendo uma obrigação e dever de todo o pai que quer ser presente na vida do filho: “foi um negócio de obrigação, de dever, porque acima de tudo eu amo muito ele, meu filho. Então, não tinha como ser diferente”. Os dados corroboram as evidências citadas nos estudos de Ramires (1997), Silva e Piccinini (2007) e Vieira et al. (2014), que indicam o desejo de o pai estar ativamente envolvido nos cuidados e na educação dos filhos.

Para Bruno, a chegada de Bento representou uma nova tomada de papéis, de novos planejamentos de vida, sendo necessária uma adequação em razão do novo integrante da família. Pelo fato da pouca experiência com bebês por parte do casal, Bruno destaca que: “a gente tá aprendendo um com o outro a sermos pais do Bento”.

Arthur narrou a rotina que fora construída pelo casal para cuidar e acolher o filho e que “tudo foi sempre em conjunto”, ou seja, o casal reestruturou-se em prol da criança. Os relatos demonstram a condição, citada por Bossardi e Vieira (2015), de

coparentalidade, uma vez que na entrevista deixa claro o diálogo e a organização coletiva do casal frente às demandas do filho.

A coparentalidade apresenta-se como uma característica da família contemporânea, sendo observada também nos outros dois casos, os quais indicaram uma negociação de responsabilidades entre os casais. A reestruturação na vida profissional dos participantes demonstra uma postura cooperativa, além de se revelarem cientes das mudanças sociais ocorridas nas últimas duas décadas. A família contemporânea redimensionou os papéis materno e paterno, não havendo mais uma hierarquia familiar, sendo divididas tanto as tarefas de cuidado dos filhos e da casa quanto as despesas financeiras. O pai passa a participar dos cuidados dos filhos e da casa, e a mãe, a colaborar financeiramente com as despesas da família (Cúnico & Arpini, 2013; Pereira, 2011; Roudinesco, 2003; Spengler, 2012).

Nos casos pesquisados, somente a esposa de Bruno não exercia atividades profissionais antes de engravidar; entretanto, mesmo assim, ele remanejou seus horários de trabalho para que pudesse estar mais presente na vida do filho, participando e desempenhando cuidados. Nos outros dois casos, as esposas são funcionárias públicas, o que conduziu Arthur, advogado, e Carlos, empresário, que modificassem suas rotinas laborais, pela flexibilidade de seus horários. As readequações de tarefas por parte dos pais, como nos dados apresentados acima, refletem o atual modelo de família contemporânea ou pós-moderna (Bossardi & Vieira, 2010; Gomes & Resende, 2004; Ramires, 1997).

Percepção do entrevistado sobre a paternidade na condição de filho

Na categoria *percepção do entrevistado sobre a paternidade na condição de filho*, todos os entrevistados destacam diferenças no papel exercido por eles e seu progenitor. Percebeu-se, nos relatos, aspectos próprios da questão intergeracional, a qual leva em

conta o período histórico e, por sua vez, o social que influencia no comportamento do indivíduo.

A descrição que os participantes fizeram de seus pais evidencia as características do modelo tradicional de paternidade (Bossardi & Vieira, 2010; Gomes & Resende, 2004; Ramires, 1997). Atribuem, inclusive, que a maneira como seus pais desempenhavam suas funções paternas justificava-se pelos próprios padrões comportamentais da época, distinguindo-se da atualidade, como se pode verificar, por exemplo, pelo relato de Arthur (37 anos): “o contexto de vida também é diferente, então, nesse sentido, eu faço coisas muito diferentes que o pai fazia. Eu trabalho e eu também cuido das coisas do meu filho, eu limpo fralda, dou banho... tudo isso com certeza meu pai não fazia”. Seu depoimento revela que suas atitudes são condizentes com o modelo de paternidade contemporânea, também designada, segundo Bolze e Crepaldi (2015), de emergente. Isso porque realiza um papel mais ativo e engajado, inclusive emocionalmente, nos cuidados com o filho.

Também ficaram claros, pelos depoimentos, aspectos que evidenciam o lugar de autoridade que o pai ocupava na relação com os filhos. Arthur relata: “o pai nunca bateu nos filhos, mas ele tinha uma maneira de lidar, assim... ele sabia como passar que tava brabo”. Tal aspecto é característico da paternidade tradicional, que além de servir como um modelo de poder e autoridade, também desempenha uma função educadora e disciplinadora (Benczik, 2011; Freitas et al., 2007; Gabriel & Dias, 2011; Ramires, 1997).

Na narrativa de Carlos, percebe-se a evidência de ligação da paternidade ao ato de educar, instituindo regras e limites aos filhos: “E eu também sempre fui mais cobrado pelo meu pai que pela minha mãe, ela tinha o jeito dela de estimular, mas era o meu pai que cobrava, que cobrava mesmo, enfim, de fala[r] tu não estuda, como tá tuas provas”. A narrativa acima demonstra a preocupação que o pai de Carlos tinha com seu

desempenho escolar, e isso pode ser entendido como instituir ao filho uma perspectiva de vida futura, garantindo-lhe segurança.

Os depoimentos dos participantes evidenciam as transformações da paternidade tradicional para a contemporânea. No contexto atual, o pai apresenta-se ativo nos cuidados dos filhos e do lar, dividindo as tarefas com a esposa, abandonando os padrões da paternidade tradicional, em que o pai basicamente apresentava-se como a figura de autoridade e era responsável pelo sustento do lar. Salienta-se que a esposa de Arthur e Carlos desempenham atividades profissionais, contribuindo financeiramente com as despesas da família.

Ao resgatar os aspectos emocionais que envolveram a relação dos entrevistados com o pai, Arthur a caracteriza como um vínculo repleto de afeto e carinho: “[...] lembro dele brincar, jogar bola e ele cuidava, tinha um carinho pelos filhos. Por mim, meus irmãos. Era uma pessoa muito carinhosa”. Lembra de estar mais próximo do pai, quando mais velho – em torno de 6, 7 anos. Seu relato apresenta a participação do pai por meio de brincadeiras e contatos afetivos, deixando claro que os cuidados em relação aos filhos e à casa eram de responsabilidade da mãe: “provavelmente ele nunca trocou uma fralda, nunca tenha dado um banho”.

Tal vínculo foi descrito por Bruno da mesma forma: “Meu pai tinha um pouco de medo pelo que minha mãe fala, tinha receio de me trocar, enfim, era um pouco inseguro nesse ponto. Ele ficava mais para as atividades interativas de brincar e essas coisas, de levar passear, de levar pra lá e pra cá” (Bruno, 34 anos). As evidências mostram que os pais dos participantes não tiveram um envolvimento tão ativo em relação à divisão de tarefas nos momentos iniciais de suas vidas, comportamento contrário à paternidade desempenhada por eles com seus filhos.

Avaliando-se a paternidade sob um enfoque geracional, a tendência é que o homem repita as condutas de seu pai, pois esse é o modelo aprendido na sua relação com seu genitor. Nas dinâmicas familiares, contudo, em que a mulher tem também se ocupado de atividades profissionais, em muitos casos podendo se ausentar do trabalho profissional somente no período da licença-maternidade, o pai tem sido convocado a estar mais presente na sua relação com os filhos, dividindo também as tarefas de organização do lar com a esposa.

Pode-se perceber que, apesar de os pais dos participantes não terem estabelecido uma divisão de tarefas para os cuidados dos filhos nos momentos iniciais de suas vidas, os pais entrevistados descrevem que, em outra etapa de seu desenvolvimento, passaram muito tempo com seus pais, devido às atividades profissionais de suas mães. Bruno explicita essa condição: “a partir dos 7-8 anos, ela começou a trabalhar fora, eu lembro de passar maior parte do tempo com ele”.

No relato de Carlos, o envolvimento do pai aparece um pouco mais cedo, pois a mãe era funcionária pública:

“Depois que minha mãe voltou da licença, nós tivemos creche, eu fui bem pequeno, minha irmã também. Acho que com 4, 5 meses já, depois teve uma época que tinha uma moça que ajudava meio turno que ficava com a gente, fazia comida. E quem conseguia vir dar almoço pra mim e pra minha irmã, levar na escola, era meu pai”.

A esposa de Carlos também é funcionária pública, condição relacionada por ele como similar à sua história de vida enquanto filho. Indica também que o desejo de ter um filho era mais presente em seu pai que em sua mãe, evocando nisso também semelhanças na sua vida e de seus genitores. Aponta-se para a semelhança – embora não descrita por ele –, de, assim como seu pai ter sido solicitado a envolver-se mais ativamente nos cuidados dos filhos em razão da profissão de sua mãe, ele também vive essa mesma situação, por conta da atividade profissional de sua esposa. Observa-se que Carlos deseja

viver o modelo de relação experienciada com seu pai: “não sei se vou fazer muito diferente não. Depende da evolução dele, porque as coisas são muito diferentes hoje”.

As autoras Bolze e Crepaldi (2015) afirmam que o comportamento de desejar repetir padrões vividos em suas relações de infância com seus pais é referenciada pela maioria dos pais, principalmente ao se tratar de aprendizagens relacionadas a valores e limites. As evidências anteriormente apresentadas corroboram com a abordagem das autoras, uma vez que os participantes afirmam desejar seguir aspectos do modelo de seus pais. Bruno indica que deseja manter atitudes como: “brincadeiras, o carinho, o amor” em sua relação com o filho.

Os relatos dos entrevistados podem estar associados a uma transição em curso da geração anterior. Com a inserção da mulher no mercado de trabalho, o pai passa a ser convocado a exercer uma paternidade mais participativa. Além do fato de os participantes descreverem o vínculo com seus pais como afetuoso, o que representaria uma característica do pai contemporâneo.

Arthur foi o participante que mais elencou diferenças de comportamento na sua relação com o pai:

“[...] eu acho que faço muita coisa diferente, eu acho assim, diferente, mas não que não tenha coisas que ele tenha me passado, o pai era um paizão, eu lembro que ele tinha uma máquina fotográfica e aí quando fazia um dia bonito, em domingo, ele ia lá e ficava tirando foto da gente. Eu tenho muita foto da gente, ele me pegando no colo. Então eu sinto que isso eu posso dizer que é um pouco parecido com o trato do pai”.

Nesse caso, torna-se necessário ressaltar que o participante Arthur é alguns anos mais velho que os demais participantes, contou ser o filho mais novo de seus pais, sendo um filho “temporão”, além de a família de Arthur residir no interior. Com isso, conclui-se que o modelo familiar e paterno vivido por Arthur pode ter sido diferente dos demais participantes, além de destacar que aspectos culturais – no caso, específicos de cidade do

interior, também podem ter interferir nos padrões de ser pai e de ser mãe, conforme abordagem apresentada por Bossardi e Vieira (2015).

Avalia-se que todos os participantes demonstraram possuir uma relação saudável com seus pais, os quais podem ser considerados presentes e ativos. Arthur e Bruno, devido ao falecimento paterno ainda no período que estavam na adolescência, tiveram experiências junto de seus pais por um tempo menor que Carlos. A partir dos dados apresentados pelos entrevistados, pode-se perceber que mesmo essa presença física estando precocemente ausente para Arthur e Bruno, a representação psíquica de suas relações com os pais é significativamente positiva, tanto que eles reproduzem a postura presente e participativa para com seus filhos.

Retoma-se que a conclusão apresentada a respeito da vivência dos participantes com seus progenitores, avaliando-os como pais presentes, considera a abordagem interjuncional, que se orienta em entender como o modelo paterno é visto em cada época histórica e busca compreender os atributos estabelecidos como de responsabilidade ao homem e ao pai de família.

A partir das relações experienciadas, os participantes têm conseguido reproduzir os comportamentos aprendidos e também se inserirem no cenário da atualidade, o qual se configura com novas demandas, as quais exigem ao pai da atualidade um comportamento mais próximo de sua esposa, auxiliando-a e colaborando nas tarefas de cuidado dos filhos e do lar – referindo-se ao cuidado dos filhos, já nos momentos iniciais de vida do bebê. Conforme Goetz e Viera (2009), é justamente essa soma de aspectos do pai tradicional – que é provedor, desempenha uma figura de autoridade e garante segurança e o envolvimento afetivo – com as características participativas do pai contemporâneo que tornam eficaz a postura paterna nos dias de hoje.

Considerações Finais

Ao se considerar o objetivo deste estudo, qual seja, compreender, a partir do olhar do novo pai, o exercício da paternidade na família contemporânea, levou-se em conta os fatores que envolvem e caracterizam o pai da atualidade e a dinâmica social que abrange as relações familiares. Nesse sentido, identificou-se que os pais entrevistados reconhecem aspectos diferentes exercidos por eles com os seus filhos em relação à paternidade vivenciada com o seu progenitor, referindo que eles vêm desempenhando ativamente atividades de cuidado com os filhos desde o momento do nascimento deles. Esse fato é destacado como uma mudança de conduta e pensamento frente aos filhos, em relação ao modo como foram cuidados pelos seus pais. Os depoimentos revelam características que são consideradas próprias do novo pai, ou pai contemporâneo.

Os entrevistados indicam suas perspectivas sob as duas categorias de análise: a percepção do entrevistado na condição de filho e a percepção do entrevistado como pai. O relato dos três participantes indica que sua referência paterna se configura como participativa, embora reforcem a atuação da mãe como principal cuidadora, especialmente nos primeiros anos de vida. Eles expõem momentos de envolvimento e afetividade do pai, no entanto reconhecem que o contexto social da época reforçava um comportamento paterno oriundo dos moldes de uma estrutura familiar moderna, na qual o pai representava uma figura de autoridade e responsável principal pelo sustento do lar.

Deve-se levar em conta que tais perspectivas são trazidas pelos depoentes, mesmo que dois deles tenham tido uma mãe já inserida no mercado de trabalho. Isso sugere a jornada dupla da mulher, aspecto esse que, atualmente, é um dos elementos de foco e análise no cenário atual e que reforça a importância de o novo pai se perceber e de fato atuar para a construção de uma nova base familiar. O molde familiar atual deve trazer o compartilhamento de tarefas entre mãe e pai, assim como envolvimento emocional de

ambos com suas crianças, possibilitando formações psíquicas nos filhos que efetuarão, de fato, novos moldes nos papéis e estruturas familiares, os quais, assim, conduzirão a uma efetiva mudança social.

Os entrevistados reconhecem sua nova postura no âmbito familiar, apontando a necessidade e a importância de maior vinculação emocional com o filho, se comparado à postura experienciada em sua própria infância. Manifestam, inclusive, sua satisfação em se relacionar de modo mais efetivo e afetuoso nos cuidados e educação dos filhos. Reforçam que já apresentavam o desejo de se tornarem pais e sinalizam que isso contribuiu para a sua efetiva participação em cuidar dos filhos. Revelam sentirem-se aptos a desenvolverem com qualidade o papel paterno.

Os resultados apontam que o compartilhamento de tarefas é fator considerado entre o casal da família contemporânea, contudo é necessário que questões sociais venham ao encontro desse novo molde familiar. Nesse sentido, faz-se necessário persistir na luta por uma educação não sexista, que permita a desconstrução de crenças e valores sobre o comportamento de homens e mulheres. Isso se estende ao mercado de trabalho e às leis que regem as diferenças de trato entre os sexos quando do nascimento de um filho. Destaca-se, nesse aspecto, a licença-paternidade. O pouco tempo de dispensa do trabalho para vivenciar a fase inicial do filho não condiz com a necessidade da família contemporânea.

Considera-se que esta investigação contribuiu para dar voz aos pais e, assim, compreender, através de seu próprio olhar, como eles têm percebido a sua atuação tanto nos cuidados dos filhos quanto na família. Reforçando a importância desse lugar ativo do pai junto aos filhos, intenciona-se estimular outros homens que, ao se tornarem pais, coloquem-se em uma posição de compartilhamento dos cuidados de seus filhos, assim como estabeleçam uma divisão nas tarefas do lar com suas esposas.

Destaca-se que, para uma compreensão mais aprofundada acerca do papel paterno na família contemporânea, se faz necessário uma investigação mais abrangente, avaliando o exercício da paternidade em diversos contextos socioeconômicos. Espera-se que esse trabalho contribua para as investigações sobre a paternidade e que estimule novas pesquisas a respeito da temática.

Referências

- Abade, F., & Romanelli, G. (2018). Paternidade e paternagem em famílias patrifocais. *Estudos Feministas*, 26(2), 1-18. doi: 10.1590/1806-9584-2018v26n250106
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado – O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1980).
- Beltrame, G. R., & Bottoli, C. (2010). Retratos do envolvimento paterno na atualidade. *Barbarói*, (32), 205-226. doi: 10.17058/barbaroi.v0i0.1380
- Benczik, E. B. P. (2011). A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Revista Psicopedagogia*, 28(85), 67-75. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v28n85/07.pdf>
- Bolze, S. D. A., & Crepaldi, M. A. (2015). O pai e seus relacionamentos familiares: uma perspectiva intergeracional. In E. R. Goetz, & M. L. Vieira (Org.), *Novo pai: percursos, desafios e possibilidades* (pp. 31-43). Curitiba: Juruá.
- Bossardi, C. N., & Viera, M. L. (2015). Ser mãe e ser pai: integração de fatores biológicos e culturais. In E. R. Goetz, & M. L. Vieira (Org.), *Novo pai: percursos, desafios e possibilidades* (pp. 15-30). Curitiba: Juruá.
- Bossardi, C. N., & Vieira, M. L. (2010). Cuidado paterno e desenvolvimento infantil. *Revista de Ciências Humanas*, 44(1), 205-221. doi: 10.5007/2178-4582.2010v44n1p205

- Castoldi, L., Gonçalves, T. R., & Lopes, R. D. C. S. (2014). Envolvimento paterno da gestação ao primeiro ano de vida do bebê. *Psicologia em estudo, 19*(2), 247-259. doi: 10.1590/1413-737222105008
- Costa, J. F. (1983). *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal.
- Crepaldi, M. A., Andreani, G., Hammes, P. S., Ristof, C. D., & Abreu, S. D. (2006). A participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção de mães. *Psicologia em Estudo, 11*(3), 579-587. doi: 10.1590/S1413-73722006000300014
- Cúnico, S. D., & Arpini, D. M. (2013). A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea. *Pensando famílias, 17*(1), 28-40. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/>
- Fleck, A. C., & Wagner, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo, 8*(1), 31-38. doi: 10.1590/S1413-73722003000300005
- Fonseca, C. (2005). Paternidade brasileira na era do DNA: A certeza que pariu a dúvida. *Cuadernos de Antropologia Social, 22*, 27-51. Recuperado de <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/129241>
- Freitas, W. D. M. F., Coelho, E. D. A. C., & Silva, A. T. M. C. D. (2007). Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cadernos de Saúde Pública, 23*(1), 137-145. Recuperado de <https://www.scielosp.org/article/csp/2007.v23n1/137-145/pt/>
- Gabriel, M. R., & Dias, A. C. (2011). Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia, 16*(3), 253-261. doi: 10.1590/S1413-294X2011000300007
- Goetz, E. R. & Vieira, M. L. (2009). *Pai real, pai ideal*. Curitiba: Juruá.

- Goldani, A. M. (1994). As famílias brasileiras: Mudanças e perspectivas. *Cadernos de Pesquisa*, 91, 7-22. Recuperado de <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/872>
- Gomes, A. J. D. S., & Resende, V. D. R. (2004). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 20 (2) 119-125. doi: 10.1590/S0102-37722004000200004
- Gonçalves, T. R., Guimarães, L. E., da Rosa Silva, M., Lopes, R. D. C. S., & Piccinini, C. A. (2013). Experiência da paternidade aos três meses do bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 599-608. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/188/18828877020.pdf>
- Grzybowski, L. S. (2002). Famílias monoparentais – Mulheres divorciadas chefes de família. In A. Wagner (Org.), *Família em cena – Tramas, dramas e transformações* (pp. 39-53). Petrópolis, RJ: Vozes
- Krob, A. D., Piccinini, C. A., & da Rosa Silva, M. (2009). A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, 20(2), 269-291. doi: 10.1590/S0103-65642009000200008
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Zoologist*, 25(3), 883–894. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/3883043>
- Negreiros, T. C. D. G. M., & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 4(1). Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100004

- Oliveira, A. F., & Pelloso, S. M. (2004). Paradoxo e conflitos frente ao direito de ser mulher. *Acta Scientiarum. Health Sciences*, 26(2), 279-286. doi: 10.4025/actascihealthsci.v26i2.1578
- Pereira, R. C. (2003). Pai, por que me abandonaste? In G. C. Groeninga, & R. C. Pereira (Org.), *Direito de família e psicanálise: rumo a uma nova epistemologia* (pp. 219-228). Rio de Janeiro: Imago.
- Pereira, R. C. (2011). *Divórcio – Teoria e prática*. Rio de Janeiro: GZ.
- Perucchi, J., & Beirão, A. M. (2007). Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia Clínica*, 19(2), 57-69. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=291022013005>
- Petrini, J. C. (2005). Mudanças sociais e familiares na atualidade: Reflexões à luz da história social e da sociologia. *Memorandum*, 8, 20-37. Recuperado de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6759>
- Ramires, V. R. (1997). *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2006). Apoio social e experiência da maternidade. *Journal of Human Growth and Development*, 16(1), 85-96. doi: 10.7322/jhgd.19783
- Reis, E. F. (2010). *Varas de família – Um encontro entre Psicologia e Direito*. Curitiba: Juruá.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de pesquisa* (5 ed). Porto Alegre: Penso.
- Silva, J. M. (2010). *O lugar do pai: Uma construção imaginária*. São Paulo: Annablume.

- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561-573. Recuperado de <http://www.redalyc.org/pdf/3953/395335889015.pdf>
- Soares, L. C. E. C. (2008). A família com padrasto e/ou madrasta: Um panorama. In L. M. T. Brito (Org.), *Famílias e separações: Perspectivas da Psicologia Jurídica* (pp. 81-112). Rio de Janeiro: ED/UERJ.
- Souza, C. L. C., & Benetti, S. P. C. (2009). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paidéia*, 19(42), 97-106. doi: 10.1590/S0103-863X2009000100012
- Spengler, F. M. (2012). O fim das relações amorosas: Como mediar o litígio para ter uma convivência pacífica após a separação? In D. S. Ibias (Org.), *Família e seus desafios: reflexões pessoais e patrimoniais* (pp. 243-250). Porto Alegre: IBDFAM/RS.
- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174-185. Recuperado de <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/750>
- Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 36-52. Recuperado de <http://www.redalyc.org/html/2290/229031583004/>
- Wagner, A. (2002). Possibilidades e potencialidades da família – A construção de novos arranjos a partir do recasamento. In A. Wagner (Org.), *Família em cena – tramas, dramas e transformações* (pp. 23-38). Petrópolis, RJ: Vozes.

Apêndices

Apêndice A – Entrevista de Triagem – Contato telefônico

Rapport: Oi, eu sou a ____, e estou te ligando, pois recebemos email/SMS/ligação sua a respeito do projeto de interação pai-bebê. Preciso te fazer algumas perguntas, pois há alguns critérios para sua participação.

Data do contato: ____ / ____ / 2018

Nome do Pai: _____

Idade da Pai: _____ anos (pai adolescente não será incluído nesse estudo)

Nome do bebê: _____

Sexo do bebê: () menina () menino Idade do bebê: ____ meses

Data de nascimento do bebê: ____ / ____ / ____ (somente participarão bebês de 0 a 18 meses. Se passou da idade, agradecer e dizer que nesse momento iremos priorizar bebês de 0-18 meses)

Nesse momento, estamos priorizando casos em que o bebê não tenha maiores problemas de saúde, então gostaria de te perguntar se teu bebê tem: () síndrome de *down* () alguma outra síndrome () alguma malformação () problemas cardíacos () problema neurológico () atraso no desenvolvimento diagnosticado pelo médico ou outro profissional (Caso bebê tenha algum dos problemas acima, explicar para o pai que, nesse momento, esses casos não serão incluídos na pesquisa)

Você auxilia sua esposa nos cuidados do filho? () Sim

Tem algum período do dia em que o bebê está sob os seus cuidados? () Manhã () Tarde () Noite

Cuidados que executa: () Alimenta () Trocas de fraldas () Banho () Outros _____

Tem mais alguém que auxilia nos cuidados do bebê? () Sim, quem? _____ () Não

Em que momentos pode-se contar com esse auxílio e em que atividades? _____

Isso acontece com que frequência do dia/semana? _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

Telefone residencial: () _____ Telefone celular: () _____

Telefone de contato: () _____ Telefone recados: () _____

E-mail: _____

Disponibilidade de horários para pesquisa (dia da semana/fim de semana e horário/turno melhor – pegar 2 ou 3 alternativas preferencialmente):

Como soube da pesquisa? _____

Caso puder participar, agradecer o interesse e a disponibilidade e marcar dia e horário para o encontro.

Agendado para dia/ hora: _____

Local: _____

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Fernanda Torzeccki Trage, sou aluna do curso de Mestrado em Psicologia Clínica, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), e estou realizando uma pesquisa que se chama “Função Reflexiva paterna no contexto de interação pai-bebê”, sob orientação da professora Dra. Tagma M. S. Donelli. Este estudo objetiva investigar e compreender a Função Reflexiva do pai na interação pai/bebê na localidade de Porto Alegre e/ou região.

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, sua participação ocorrerá em duas etapas. A primeira consiste em responder perguntas sobre seus dados de identificação pessoal, um questionário referente à Função Reflexiva e, por fim, você responderá uma entrevista, que será gravada em áudio, com perguntas sobre a sua experiência parental. Estima-se que todo esse procedimento seja de, aproximadamente, 1 hora e 40 minutos. Na etapa seguinte, será observada uma interação entre você e o seu bebê, tendo duração de 30 minutos. Esta observação será filmada.

Possíveis riscos de participar deste estudo são constrangimento em relação às perguntas ou à filmagem e a possibilidade de que se sinta desconfortável. Sendo assim, você poderá desistir de participar a qualquer momento, sem prejuízo algum. Sua identidade será preservada, bem como qualquer informação que possibilite a identificação de ambos. Essas informações servirão apenas para caracterizar o público que colaborou com a pesquisa. Os dados obtidos através do preenchimento do questionário, dos áudios das entrevistas e da filmagem da observação serão utilizados, exclusivamente, para fins de pesquisa, e os resultados deste estudo poderão ser divulgados em eventos e demais veículos de comunicação científica. Os dados dessa pesquisa serão armazenados por cinco anos e, depois, destruídos conforme indicado na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Sempre que desejar, você poderá pedir o esclarecimento de dúvidas pelo telefone (51)35911208 ou pelo e-mail fernandatrage@outlook.com

Se você aceita participar desta pesquisa, é preciso assinar o Termo de consentimento em duas vias, uma ficará com você e a outra comigo.

Declaração de consentimento:

Confirmando ter conhecimento do conteúdo deste termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo com a minha participação nesta pesquisa e, por isso, dou meu consentimento, inclusive, para a utilização dos áudios da entrevista e das imagens obtidas nas observações.

Data: ___ / ___ / _____

Nome: _____

Fernanda Torzeccki Trage
Pesquisadora responsável

Apêndice C – Ficha de Dados Sociodemográficos

Participante: _____

Data: __/__/____

Entrevistador: _____

Eu gostaria de ter mais algumas informações sobre você.

DADOS DO BEBÊ

Data de nascimento __/__/____ Idade: ____

DADOS DO PAI

Data de nascimento: __ __/ __ __/ __ __ __ __ Idade: __ __

Bairro: _____ Cidade: _____

Escolaridade:

- ensino fundamental incompleto
- ensino fundamental completo
- ensino médio incompleto
- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo
- pós-graduação

Profissão:

Trabalha fora de casa:

- Sim
- Não

Estado civil:

- casado
- separado/divorciado
- viúvo
- morando junto

Desde quando? __/__/__

Tem outros filhos? sim não.

Quantos? _____

Idades dos outros filhos:

Dados da infância:

Na infância, foi cuidado:

- pela mãe
- pelo pai
- pela mãe e pelo pai
- pelos avós
- outros. Quem?

Observações:

Como tu descreveria a participação do teu pai nos teus cuidados da infância:

- Participativo
- Muito Participativo
- Pouco Participativo
- Ausente

Observações:

Passou por alguma experiência de:

- abandono
- negligência
- maus-tratos
- abrigo
- outra. Qual?

ASPECTOS DA MORADIA ATUAL:

Quantas pessoas moram na casa, incluindo você: _____

Quem são os moradores da casa? _____

ASPECTOS DO CUIDADO QUE DESEMPENHA COM O FILHO:

Quais tarefas você executa nos cuidados diários do seu filho:

- Troca de fraldas () Frequência diária
- Alimentação () Frequência diária
- Banho () Frequência diária
- _____

Que outras tarefas você executa?

- Leva em consultas médicas
- Brincadeiras
- Passeios
- _____

Com que frequência (dias/ horas) você auxilia nos cuidados do seu filho? _____

Apêndice D – Roteiro de Entrevista Semiestruturada

PERÍODO GESTACIONAL

Eu gostaria de saber como foi a gravidez da tua esposa/ companheira. Foi a primeira gravidez? Foi uma gravidez planejada?

Como foi para ti receber a notícia da gravidez?

Que preocupações tu tinhas no período da gravidez em relação a você ser pai?

Que preocupações tu tinhas em relação ao bebê?

NASCIMENTO/ PÓS-NASCIMENTO

Ocorreu tudo bem no parto? E no pós-parto? Como foi para ti esse momento?

Como foi o teu primeiro encontro com o bebê? Como tu te sentiste?

E os primeiros dias com o bebê como foi, foi como tu imaginavas?

O que tu fazias com o teu bebê?

Que preocupações tu tinhas em relação à ti como pai nesses primeiros dias?

Como foi o teu apoio para a tua esposa nesse período inicial, após o nascimento do bebê?

RELAÇÃO PAI/BEBÊ

Foi uma escolha tua ou circunstâncias que fizeram com que você se envolvesse nos cuidados do teu filho, assumindo em parte os cuidados dele?

Como tu te sentes com isso?

Tu achas que consegue atender aos pedidos e solicitações que o teu bebê faz?

Em que situações tu achas que não consegue entender os pedidos e solicitações dele?

Quando isso acontece, tu procuras pensar sobre, descobrir o que ele está querendo?

Nesses momentos tu pensas que ele pode estar fazendo isso para te irritar?

Tu sentes que vocês possuem uma “linguagem particular”?

Tu sempre, em todos os momentos tentas entender o comportamento do teu filho?

Tu consegues interpretar e nomear as diferentes formas de expressão do teu filho? Por exemplo, quando ele chora, tu consegues diferenciar esse choro e nomear o pedido dele?

Como é para ti brincar com o teu filho? Vocês conseguem interagir nas brincadeiras?

HISTÓRIA DE VIDA DO PAI- RELAÇÃO COM O SEU GENITOR

Eu quero saber da tua relação com o teu pai...

Ele trabalhava fora? E a tua mãe?

Com quem você ficava nesse período?

Havia uma divisão de tarefas entre o teu pai e a tua mãe frente aos teus cuidados?

Que tarefas em relação aos cuidados tu lembras de serem realizadas por ele?

Tinha algum momento do dia/ semana que tu ficavas sob os cuidados dele? E como eram esses momentos?

Ele foi um pai presente?

Tu achas que ele era um pai afetivo ou era uma relação mais autoritária/ educativa?

Como tu descreverei a tua relação com o teu pai?

Tu segues o mesmo modelo do teu pai em relação ao envolvimento com o teu filho?

RELACIONAMENTO CONJUGAL ATUAL

Tu achas que a relação tua e da tua esposa mudou no período da gravidez? Se sim, em que aspectos?

Tu sentiste que algo mudou na relação de vocês após o nascimento do bebê? O que? Como te sentes?

Tu estás satisfeito com a relação conjugal atual de vocês?

Tu achas que precisa mudar algo? E isso seria uma mudança por parte de quem, tua ou da tua esposa?

Apêndice E – Parecer do comitê de ética

UNIVERSIDADE DO VALE DO
RIO DOS SINOS - UNISINOS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Função Reflexiva paterna no contexto de interação pai-bebê

Pesquisador: FERNANDA TORZECZKI TRAGE

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 90968418.8.0000.5344

Instituição Proponente: Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.719.548

Apresentação do Projeto:

Diante do fato de o pai hoje desempenhar uma função mais ativa nos cuidados dos filhos, sendo mais responsivo às demandas do bebê, o projeto busca compreender a Função Reflexiva paterna no contexto de interação pai-bebê. Terá abordagem qualitativa de caráter exploratório e descritivo, o método empregado será o Estudo de Casos Múltiplos. Estima-se que entre três e cinco duplas de pai/bebê participarão do estudo, o bebê deverá ter entre 0 e 18 meses. A partir dos dados obtidos na Ficha de Dados Sociodemográficos, questionário (FRQ), entrevista semiestruturada e análise da interação, cada caso será construído individualmente através dos eixos temáticos: "história de vida do pai", "relação pai/bebê" e "função reflexiva paterna". Ocorrerá posteriormente uma síntese de casos cruzados, para identificar convergências e diferenças entre os mesmos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivos claros e exequíveis com apoio da caixa de ferramentas proposta.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e benefícios foram devidamente avaliados no formulário da Plataforma Brasil.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa trata de temática relevante e de interesse social.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TCLE redigido de forma amigável e esclarecedora para os participantes da pesquisa.

Endereço: Av. Unisinos, 950

Bairro: Cristo Rei

CEP: 93.022-000

UF: RS

Município: SAO LEOPOLDO

Telefone: (51)3591-1198

Fax: (51)3590-8118

E-mail: cep@unisinos.br

Continuação do Parecer: 2.719.548

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1147745.pdf	04/06/2018 13:43:03		Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	04/06/2018 13:41:54	FERNANDA TORZECZKI TRAGE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoFernandaTrageCEP.pdf	02/06/2018 10:17:11	FERNANDA TORZECZKI TRAGE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeConsentimentoLivreeEsclarecido.pdf	01/08/2018 15:46:08	FERNANDA TORZECZKI TRAGE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Fernanda_Trage.pdf	18/08/2018 16:19:53	José Roque Junges	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO LEOPOLDO, 18 de Junho de 2018

Assinado por:
José Roque Junges
(Coordenador)

Endereço: Av. Unisinos, 950

Bairro: Cristo Rei

CEP: 93.022-000

UF: RS

Município: SAO LEOPOLDO

Telefone: (51)3591-1198

Fax: (51)3590-8118

E-mail: cep@unisinos.br

Seção 2

Função Reflexiva Paterna no Contexto de Interação Pai-Bebê

Resumo

Este estudo objetivou investigar a Função Reflexiva paterna no contexto de interação pai-bebê. Para o alcance desse propósito, realizou-se uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa, com delineamento de estudo de casos múltiplos. Participaram três duplas pai-bebê, moradores de Porto Alegre/RS e região metropolitana. Os instrumentos utilizados foram: Ficha de Triagem, Ficha de Dados Sociodemográficos, *Reflective Functioning Questionnaire 54 – Portuguese version*, Roteiro de Entrevista Semiestruturada e Roteiro de Observação da Função Reflexiva Parental (ROFRP), o qual foi aplicado para análise de filmagem realizada num momento de interação entre pai e bebê. Apresentou-se cada caso individualmente e, após isso, expôs-se a síntese de casos cruzados. Os resultados indicaram que, entre os participantes, dois possuem boa Função Reflexiva e um deles apresentou resultado inconclusivo. A partir dos depoimentos dos participantes e das observações feitas, foi possível realizar uma análise sobre os sentimentos e estados mentais dos pais investigados, na condição de cuidador, o que demonstra uma interpretação de si, característica básica da Função Reflexiva.

Palavras-chave: Função Reflexiva, Paternidade, Interação pai-bebê.

Paternal reflexive function in the context of father-baby interaction

Abstract

This study aimed to investigate paternal reflexive function in the context of father-baby interaction. To achieve this purpose, an exploratory study was carried out, with a

qualitative approach, with a multiple case study design. There were three father-baby pairs, residents of Porto Alegre and Metropolitan Region. The instruments used were: Screening Sheet, Sociodemographic Data Sheet, Reflective Functioning Questionnaire 54 - Portuguese version, Semistructured Interview and Filming of the father-baby interaction. Each case was presented individually and, afterwards, the synthesis of cross-cases was exposed. The results indicated that, among the participants, two had a good Reflective Function and one of them presented an inconclusive result. Based on the participants' statements and the observations made, it was possible to perform an analysis about their feelings and mental states as a caregiver, which demonstrates an interpretation of themselves, a basic characteristic of the Reflexive Function.

Keywords: Reflective Function. Paternity. Parent-baby interaction.

Introdução

A família apresenta-se como principal intercessor na relação entre o bebê e o ambiente. É através das primeiras interações que o bebê irá conhecer e estabelecer relações com o mundo externo; as interações precoces são essenciais à sobrevivência psíquica da criança (Nunes & Salomão, 2016).

Nesse sentido, mostra-se relevante conhecer como o pai desempenha as funções de cuidado e de sustentação para o desenvolvimento psíquico da criança, as quais se fazem visíveis através das trocas interativas entre a criança e o seu cuidador. Tendo em vista essa perspectiva, estabeleceu-se o problema de pesquisa que orienta este estudo: como é a Função Reflexiva paterna no contexto de interação pai-bebê?

Entende-se por interação a dinâmica entre duas pessoas: uma emite um comportamento e a outra responde de forma mútua a esse comportamento (Bossardi, 2015; Levandowski & Piccinini, 2002; Seidl-de-Moura & Ribas, 2007). Na interação

entre cuidador e bebê, isso se refere ao tipo de envolvimento entre ambos, à participação efetiva dos pais⁴ na realização das tarefas com o filho, ou seja, cuidando, protegendo, educando, alimentando (Bossardi, 2015; Paquette, 2004).

Bossardi, Bueno e Vieira (2015) indicam que a qualidade das relações entre pais (pai e mãe) e filhos estão vinculadas a interações que envolvem desde uma simples conversa, brincadeiras até passeios em finais de semana. Reforçam que são necessárias interações que proporcionem agradáveis momentos para a família, de aprendizagem e trocas. Os autores indicam, a partir de suas pesquisas, que tais momentos de interação são sinalizados pelos pais como possíveis, embora haja um fator que afeta sua frequência: o tempo. Isso é decorrente da alta carga horária de trabalho que muitos pais têm em seu dia a dia, os quais destacam como um fator que prejudica um maior envolvimento deles nas tarefas de cuidados dos filhos.

No que se refere à interação paterna, os autores apontam que a sua qualidade se revela de modo mais intenso na medida em que o pai se mostra mais engajado nos cuidados com os filhos, participando das tarefas diárias, como dar banho, alimentar, vestir, entre outros. Indicam que os pais envolvidos são aqueles que planejam o futuro do filho, pensando em seu bem-estar, na sua segurança e na satisfação de suas necessidades básicas; colocando-se, portanto, como seu responsável. Nesse sentido, Bossardi et al. (2015, p. 120) reforçam a importância de relativizar a afirmação “é melhor a qualidade que a quantidade”, uma vez que não basta o pai ter uma interação de qualidade com o filho “apenas 5 minutos por semana”. Considerando a alta demanda que envolve a educação de uma criança, a participação dos pais também está vinculada ao tempo investido com os filhos.

⁴ O termo pais, quando se referir ao pai e mãe, será indicado no texto, no formato a seguir: pais (pai e mãe); caso não haja indicação, a acepção da palavra designa pai ou pais – relativo à paternidade.

Bueno, Gomes e Crepaldi (2015) citam o estudo de Paquette, Bolté, Turcotte, Dubeau e Bouchard (2000), nos qual se averiguou que, diferentemente das mães, os pais tendem a estimular brincadeiras que se aproximam daquilo que está vinculado ao gênero da criança: o afeto e a disciplina do pai relacionam-se à masculinidade dos meninos; o afeto do pai e da mãe associa-se à feminilidade das meninas. Indica, ainda, que a influência materna está mais ligada a comportamentos como compartilhamento e cooperação, assim como questões internas, como ansiedade, enquanto os pais acabam por influenciar de modo mais efetivo nos problemas externos vinculados à resolução de conflitos. Ainda traz a relação de crianças que apresentam um bom envolvimento paterno ao seu comportamento social, ao demonstrarem mais empatia e educação, assim como manifestam melhores habilidades cognitivas e criam menos estereótipos sexuais.

Bueno et al. (2015) indicam a importância do papel do pai na interação com o filho. No caso das brincadeiras mais agitadas, como “lutinhas”, indicam se tratar de interação específica entre pai e filho, a qual foi denominada, por pesquisadores canadenses como Daniel Paquette (2004), de *relação de ativação*. Isso porque esse tipo de brincadeira traz duas dimensões importantes na atividade interativa: estímulo e disciplina. Ao incentivar a criança à atividade de risco, em contexto adverso, ele estimula a exploração do ambiente assim como propicia situações que desenvolvam a coragem; além disso, demarca limites que garantam segurança e proteção da criança, reforçando a disciplina (Bueno et al.; 2015).

Atividades físicas também auxiliam a criança no controle da agressividade, ou seja, ao realizar brincadeiras que envolvam o contato físico, o pai, nesse sentido, auxilia para o controle da raiva, contribuindo, dessa forma para o ajustamento social da criança. Isso tem sido entendido como função específica do pai: ao estimular que as crianças

corram riscos, ele as está incentivando na exploração do mundo externo (Paquete, 2004 apud Bueno et al., 2015).

Essa interação entre pai e filho conduz, portanto, a uma maior qualidade do desenvolvimento emocional do filho, como também a um aprimoramento de suas habilidades sociais. O modo como os filhos se relacionam com os pais terá repercussões na vida dessa criança e, por isso, Bossardi et al. (2015) reforçam que os pais devem ser responsivos ao interagirem com seus filhos. Isso significa emitir comportamentos apropriados e em resposta àqueles da criança e às necessidades dela. Costa e Katz (1992 apud Ramires, 1997) propõem que indivíduos, cujos pais apresentam um adequado processo interativo, provavelmente terão na vida adulta uma sensação de autoconfiança. A sensibilidade do pai é de suma importância para reconhecer os sinais emitidos pelos filhos no que se refere às suas demandas.

A consulta à literatura científica permite supor que estudos sobre a interação pai-bebê ainda se apresentam em menor número, se comparados com investigações que se dedicaram a abordar a interação mãe-bebê. Encontrou-se um estudo feito por Levandowski e Piccinini (2002), com 9 pais adolescentes e 11 adultos, que objetivou analisar diferenças na interação de pais adolescentes e adultos com seus bebês aos 3 meses de vida. Os resultados dessa investigação apontam que a idade paterna não é um fator que interfere na responsividade do pai em relação ao bebê. Resultados semelhantes foram encontrados por Souza e Benetti (2009), pois os achados também desconsideraram a idade do pai como fator de influência no envolvimento paterno. Este último estudo, contudo, destacou que a escolaridade é fator de interferência: quanto maior o grau de instrução, maior o envolvimento do pai nos cuidados do filho.

A literatura também aponta para uma relação entre a qualidade do relacionamento conjugal e o envolvimento paterno com o filho. A qualidade e a harmonia no

relacionamento conjugal são fatores que afetam a interação e o envolvimento do pai com o bebê (Bossardi, 2015; Silva & Piccinini, 2007). Pode-se observar, portanto, com base nos estudos apresentados, que no processo relacional encontram-se envolvidos aspectos do comportamento interacional da dupla, mas também aspectos sociais, emocionais e representacionais do cuidador sobre o bebê e do seu processo de desempenhar seu papel de mãe ou pai nessa relação (Levandowski & Piccinini, 2002; Souza & Benetti, 2009). Salienta-se a importância de uma interação entre cuidador e bebê para, assim fomentar uma boa estruturação psíquica, bem como garantir a saúde emocional da criança. A falta de interação ou uma interação insuficiente afetará o desenvolvimento global da criança, atingindo suas relações sociais, a saúde emocional, o pensamento e a capacidade para resolução de problemas (Bossardi et al., 2015; Schaefer, 2015).

Entende-se que os cuidados iniciais precisam ser desempenhados por alguém que seja capaz de compreender as necessidades da criança (Dozier et al., 2009), a fim de sustentar seu desenvolvimento emocional saudável. Tal desenvolvimento acontece através das respostas acolhedoras e significativas que os pais fornecem para os seus filhos, o que possibilita a criação de um espaço em que a criança possa explorar seu mundo interno, compreender e distinguir os estados mentais e as emoções que a habitam, desenvolvendo uma percepção de si, possibilitando e formando a sua segurança interna, a sua autoestima e a sua autonomia (Fonagy, Gergely, & Target, 2007). Tais aspectos demarcam a necessidade de entendimento sobre a Teoria do Apego e, por sua vez, sobre Função Reflexiva, ao se considerar o desenvolvimento emocional da criança.

A Teoria do Apego foi utilizada como referência para os estudos de Fonagy e colaboradores, considerando suas vertentes na área da psicanálise, os quais trazem os conceitos de Função Reflexiva (FR) e de Capacidade de Mentalização (CM) (Fonagy, Gergely, Jurist, & Target 2002; Bateman & Fonagy, 2003). Tais definições envolvem,

além da Teoria do Apego, contribuições de teóricos como Bion e Winnicott, voltados às abordagens da teoria das relações objetais, assim como aspectos vinculados às teorias da mente, da psicologia do desenvolvimento e da neurociência cognitiva (Carvalho & Ramires, 2018).

Para se entender melhor os conceitos de Função Reflexiva (FR) e de Capacidade de Mentalização (CM), é necessário ressaltar as acepções que envolvem as suas definições. A FR é uma aquisição desenvolvimental de um indivíduo sobre o estado interno de outro, ao reconhecer aspectos do comportamento desse sujeito (Ramires & Godinho, 2011). Fonagy et al. (2002, p. 24-25) apresentam o conceito da seguinte forma: “operacionalização dos processos psicológicos subjacentes à capacidade de mentalizar”. Em relação à CM, refere-se “à capacidade para compreender e interpretar o comportamento humano em termos de estados mentais subjacentes” (Bateman & Fonagy, 2003, p. 191). Nesse sentido, está relacionada à capacidade de percepção de si e do outro, considerando seus pensamentos, sentimentos, intenções, desejos e motivações, ou seja, levando em conta os estados mentais subjacentes ao comportamento (Fonagy et al., 2002; Fonagy & Bateman, 2006).

Os teóricos da mentalização afirmam que a FR apresenta variação de acordo com o estado emocional do indivíduo, assim como é alterada conforme a qualidade de um relacionamento, seja com o pai, o parceiro, seja com o filho (Fonagy et al., 2002). Também influencia na FR o contexto no qual esse sujeito está inserido, uma vez que os ambientes afetam os níveis de excitação do sujeito (Burkhart, Borelli, Rasmussen, Brody, & Sbarra, 2017; Fonagy & Luyten, 2009). Essas alterações ocorrem, segundo Fonagy et al. (2002), uma vez que a FR consiste numa capacidade psicológica central capaz de ser transferida para diferentes contextos de relação. O autor enfatiza que há a necessidade de esforço, de ambos, para que, de fato, ocorra o efetivo contato.

Ao observar os conceitos de FR e CM, identifica-se que são termos intercambiáveis, contudo há aspectos distintos em suas definições. Levando em conta essa perspectiva, é importante destacar que suas definições revelam diferenças (Ensink et al., 2015). Ambos os termos estão associados à capacidade de o sujeito significar seu mundo interno e saber reconhecer seus sentimentos e distingui-los dos estados mentais do outro. Tal capacidade é desenvolvida na infância, a partir da Função Reflexiva parental (FRP), a qual, por meio do espelhamento (Winnicott, 1967/1975), permite que a criança se experimente, tendo como referência seus cuidadores, na medida em que intencionam atender os desejos da criança, ao buscarem absorver o que ela sente (Bateman & Fonagy, 2003; Fonagy et al., 1995; Fonagy & Target, 1997; Fonagy et al., 2007).

A efetiva Função Reflexiva dos pais (FRP), a qual designa-se como a capacidade de os pais pensarem sobre os seus próprios estados mentais, bem como os dos seus filhos, permite que eles criem uma experiência de conforto e segurança para a criança (Fonagy et al., 1995, Fonagy et al., 2007; Slade, 2005). Além disso, possibilita uma coerente representação do *self*, a qual está vinculada aos estados psíquicos da criança. Sob esse aspecto, Bateman e Fonagy (2003) indicam as condições de contingência e discriminação como aspectos integrantes e essenciais desse processo. O primeiro aspecto está relacionado com a coerência de resposta do cuidador ao estado interno da criança; o segundo, trata-se da capacidade de o cuidador expressar não os seus sentimentos, mas os da criança.

Para Fonagy et al. (2002), os cuidadores com capacidade reflexiva promovem apego seguro em suas crianças. A criança não tem como imaginar o mundo interno dos outros sem que ela tenha sido previamente considerada como alguém com um mundo interior próprio. Dessa forma, entende-se o funcionamento reflexivo dos pais como essencial ao desenvolvimento da Capacidade de Mentalização da criança (Ensink et al.,

2015; Fonagy e Bateman, 2006; Fonagy et al., 2007). Ramires e Schneider (2010) destacam que o desenvolvimento da FR infantil está associado às condições dos pais ou dos cuidadores de considerar e entender os estados mentais da criança, com vistas a nomear suas experiências emocionais.

A FR somente se desenvolve em um contexto em que esteja instaurada a relação de apego seguro. O estabelecimento sólido da Função Reflexiva e da Capacidade de Mentalização equipa o indivíduo para o enfrentamento das conflitivas vivenciadas ao longo da vida no âmbito familiar e social. Através desse estabelecimento, possibilita-se um efeito protetor; em contrapartida, uma aquisição relativamente frágil implica numa vulnerabilidade para traumas posteriores (Bateman & Fonagy, 2006; Fonagy et al. 2002).

A Capacidade de Mentalização pode ser identificada pela forma explícita e implícita. A explícita refere-se aos processos verbais – sua avaliação é realizada por meio de entrevista e, nesse sentido, demanda mais atenção por parte do avaliador. Já a implícita está relacionada aos processos não conscientes e não verbais – é observada nos movimentos de intenção corporal, sendo a mais utilizada, uma vez que seu processamento é rápido e sua avaliação ocorre através de observação (Shai & Belsky, 2011a; 2011b).

Na perspectiva de os pais reconhecerem os movimentos e as expressões do corpo do bebê, para assim compreender os seus estados mentais, Shai e Belsky (2011a; 2011b) criaram o conceito de *parental embodied mentalizing* (PEM). Elas destacam que os bebês manifestam muitos de seus desejos e necessidades através de expressões corporais, por meio de uma interação não verbal, e os pais precisam ter um reconhecimento disso, precisam ler, traduzindo esses movimentos como indicadores do estado mental do filho (Shai & Belsky, 2011a; 2011b).

Os estudos sobre a FR paterna ainda são incipientes. Identificou-se a pesquisa de Madsen, Lind e Munck, (2007), os quais avaliaram a FR de 41 pais. Tal investigação foi

construída em três etapas: a primeira, aos dois meses antes do nascimento do filho; a segunda, duas semanas após o nascimento do bebê, e a terceira, aos cinco meses da criança. Os resultados indicaram que os homens são capazes de refletir sobre os estados mentais e as necessidades emocionais de seus filhos, porém apontaram que os pais que apresentaram uma maior sensibilidade quanto a esses estados mentais foram aqueles que tiveram uma relação próxima e de cuidado com o seu próprio pai. Percebe-se, nessa pesquisa, que os resultados estão ligados à abordagem transgeracional como fator de influência na FR paterna.

Além desse estudo, foram identificadas outras duas investigações que se voltaram à avaliação da FR paterna (Stover & Coates, 2016; Stover & Kiselica, 2014). Essas, contudo, estão associadas ao uso de drogas e à violência doméstica por parte do pai, apontando que a FR pode variar com o nível de abuso de substâncias e conforme o status socioeconômico entre homens e mulheres.

Baixa Função Reflexiva e Capacidade de Mentalização dos pais têm sido associadas ao desenvolvimento de problemas de conduta em crianças e adolescentes (Benbassat & Priel, 2012; Ha, Sharp & Goodyer, 2011). Isso se deve ao fato de que quando os pais não conseguem dar respostas empáticas, ou seja, não são capazes de perceber os estados mentais do filho, a criança pode sentir-se confusa e incompreendida por seus pais. Conseqüentemente, ela pode se tornar retraída, aversiva, hostil (Fearon et al., 2006; Ha et al., 2011).

Benbassat e Priel (2015) indicam que há diversos aspectos podem impedir a FR; entre eles está a incapacidade de regulação emocional assim como o não desenvolvimento das habilidades de linguagem. Apontam ainda que regras sociais e a própria socialização podem acentuar as distinções entre os gêneros na FR. Entre os fatores que contribuem para o desenvolvimento da FR, um dos principais consiste na motivação.

Fonagy et al. (1995; 2002) salientam a importância de o pai estar motivado e interessado em reconhecer os estados mentais do bebê para que consiga refletir e atender adequadamente as necessidades dele. As respostas empáticas do cuidador, e nisso inclui-se o pai, oportuniza o desenvolvimento da capacidade de a criança conseguir lidar com as suas emoções, além de estar mais atenta aos sentimentos dos outros; a falta da FR, por sua vez, pode fragilizar e até conduzir à exclusão de elementos importantes de constituição do *self* da criança e, conseqüentemente, de suas percepções em relação a outras pessoas.

Benbassat e Priel (2015) assinalam que, na medida em que o pai passa a se conscientizar e compreender os estados internos de si e dos filhos, isso o permite atuar de modo mais claro e efetivo em situações complexas, como em casos de não morar na mesma residência, assim como se relacionar com enteados. O desenvolvimento da FR permite relacionamentos mais significativos entre pais e filhos, além de contribuir positivamente com as condições emocionais e mentais desses filhos. Sinalizam ainda que a FR paterna é de extrema importância para uma relação mais profunda, que transcenda a visão dicotômica de papéis homem e mulher e se volte a um olhar de apoio mútuo.

O desenvolvimento da FR, na medida em que as crianças crescem, é estabelecido também pela linguagem, uma vez que ela possibilita exprimir ideia e sentimentos de maior complexidade (Harris, 1999; Vygotsky, 1981 apud Benbassat & Priel, 2015). Pais que debatem sobre suas emoções tendem a ter filhos que demonstram compreender melhor tanto os seus estados emocionais como o dos outros, especialmente conflitos negativos, os quais contribuem para um maior desenvolvimento da competência social das crianças (Laible & Thompson, 2002; Ruffman, Slade, & Crowe, 2002; Taumoepeau & Ruffman, 2008 apud Benbassat & Priel, 2015).

Ao se observar o engajamento social da criança, estabelece-se relação com a compreensão de seus estados mentais, assim como se entende que tal atuação social está relacionada com seus vínculos de apego, com a forma que seus pais se comportam e a própria comunicação do pai com o filho (Benbassat & Priel, 2015). Esse aspecto também é apresentado por Bueno et al. (2015), ao reforçarem que o desempenho social da criança está vinculado especialmente ao comportamento paterno, na medida em que ele, ao brincar com a criança e provocá-la, por meio das próprias brincadeiras e dos desafios apresentados, auxilia no desenvolvimento motor, social e emocional da criança, ao gerar situações nas quais ela aprenda a controlar seus impulsos e a gerenciar suas emoções. Nesse sentido, as autoras indicam que o modo como os pais brincam com as crianças relaciona-se ao desenvolvimento socioemocional delas.

Além disso, as autoras ainda acrescentam que a função específica do pai está no incentivo dele para que as crianças explorem o mundo exterior, corram riscos, desenvolvendo coragem e segurança, especialmente em situações distintas do contexto familiar. Isso se estabelece principalmente pela forma como os pais brincam com as crianças; portanto, ao serem pouco estimuladas nesses desafios, podem se tornar menos confiantes em si (Bueno et al., 2015). Além disso, crianças cujos pais estão mais envolvidos com os seus cuidados tendem a apresentar mais educação, melhores habilidades cognitivas, revelam mais empatia e apresentam menos estereótipos sexuais. Nesse sentido, com base nas abordagens apresentados pelos autores, compreende-se que o envolvimento paterno está ligado à FR, na medida em que sua participação na vida da criança permite o exercício de compreensão das necessidades dela.

Evidencia-se a necessidade de uma Função Reflexiva por parte dos cuidadores, uma vez que ela permitirá a percepção dos estados mentais do bebê e, assim, fará com que se desenvolva uma capacidade de autorregulação para a criança (Fonagy et al.

(2002). Partindo dos pressupostos da revisão de literatura apresentada, reforça-se a importância do estudo sobre a figura paterna, especialmente no que se refere ao seu envolvimento com o bebê. Sob essa perspectiva, considerando a figura do pai de extrema significância para o desenvolvimento emocional do bebê, estabeleceu-se o objetivo do presente estudo: investigar a Função Reflexiva paterna no contexto de interação pai-bebê.

Método

Delineamento

O estudo em questão caracteriza-se pelo tipo exploratório-descritivo e de abordagem qualitativa. Adotou-se o Estudo de Casos Múltiplos, sendo esse indicado quando se busca descrever com profundidade o funcionamento de determinado fenômeno (Yin, 2015).

Participantes

Participaram do estudo três duplas pai-bebê, os quais foram acessados por conveniência (Sampieri, Collado, & Lucio, 2013). O perfil dos participantes configurou-se com base nos seguintes critérios: pai que se ocupasse diariamente dos cuidados do bebê, dividindo e auxiliando nas tarefas de alimentação, troca de fraldas, hábitos de higiene, participando ativamente das decisões referentes ao filho. Quanto ao bebê, determinou-se que a faixa etária deveria compreender até 18 meses. Além disso, a família deveria residir em Porto Alegre/RS ou região metropolitana. Os critérios de exclusão considerados foram: pai ter idade inferior a 18 anos; pai e bebê possuírem patologias ou outros comprometimentos que impedissem a participação nos procedimentos da pesquisa.

Os casos receberam nomes fictícios para preservar a identidade dos participantes. Na Tabela 1, encontram-se informações sobre eles.

Tabela 1
Dados dos participantes

Pai A – Arthur	Pai B – Bruno	Pai C – Carlos
37 anos	33 anos	34 anos
Advogado; pós-graduado	Advogado; pós-graduado	Empresário; pós-graduado
Casado com Ana há 5 anos	Casado com Bárbara há 1 ano	Casado com Cristiane há 4 anos
Primeiro filho do casal	Primeiro filho do casal	Primeiro filho do casal
Bebê Ângelo – 1 ano e 3 meses	Bebê Bento – 5 meses	Bebê Caio – 1 mês e 7 dias

Nota. Elaborado pela autora.

Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

A proposta de pesquisa foi veiculada nas redes sociais da pesquisadora e compartilhada por seus contatos pessoais e profissionais. A chamada foi direcionada ao pai, com a seguinte proposta: “Você participa dos cuidados do seu filho?”. A publicação também continha dados referentes a critérios de inclusão para a participação do estudo, como a idade do bebê e o perfil do pai. Os contatos da pesquisadora – número de telefone celular, WhatsApp e e-mail – estavam disponíveis na proposta divulgada; foram através deles que os participantes manifestaram interesse em integrar a pesquisa. A fim de explicar os objetivos do estudo, esclarecer sobre o direito de sigilo quanto às identidades dos participantes, elucidar sobre a opção voluntária em participar e também para verificar os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa, realizou-se contato telefônico com os três pais que se dispuseram a participar da pesquisa. Para esta primeira etapa, utilizou-se a Ficha de Triagem (Apêndice A).

Após identificar a elegibilidade da dupla pai-bebê, marcou-se um encontro presencial com cada pai, individualmente, no consultório de atendimento clínico particular da pesquisadora. Nesse encontro, primeiramente realizou-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B) e, a seguir, o pai

preencheu a Ficha de Dados Sociodemográficos (Apêndice C), com vistas a se obter dados iniciais de cada participante, como: idade, escolaridade, número de filhos, profissão, tarefas de cuidado que executa com o filho, bem como sua frequência nessa atividade.

Após essa etapa, aplicou-se o *Reflective Functioning Questionnaire 54 – Portuguese version* (Apêndice D), criado por Fonagy et al. (2016). Trata-se de um questionário de medida de autorrelato, composto por 54 perguntas. É do tipo escala Likert, de 7 pontos que varia de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). As pontuações elevadas deste instrumento indicam um resultado de baixo conhecimento sobre os estados mentais de si e de outras pessoas, enquanto os escores mais baixos indicam aptidão de reconhecimento dos próprios estados mentais e de outrem – características da Capacidade de Mentalização. Por esse instrumento, buscou-se avaliar o funcionamento reflexivo do pai. Foi utilizada a versão em português do questionário, o qual foi traduzido pelo grupo de pesquisa do Laboratório de Estudos em Psicoterapia e Psicopatologia (LAEPSI) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Em seguida, realizou-se a entrevista, com base no Roteiro de Entrevista Semiestruturada (Apêndice E), a fim de complementar a avaliação da Função Reflexiva, bem como entender, de modo explícito, os motivos que levaram o pai à decisão de dividir a responsabilidade das tarefas com a esposa, frente às demandas do filho. Além disso, buscou-se identificar o relacionamento do investigado com o seu próprio pai. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Nesse mesmo dia, agendou-se horário para a realização, na casa do participante, de filmagem da interação pai-bebê. A proposta consistiu em registrar, por 30 minutos, um momento em que o pai estivesse realizando uma atividade de cuidado ao filho. Isso gerou a necessidade de se estar atenta ao horário de agendamento, para que coincidissem com as

atividades rotineiras e, desse modo, interferisse o mínimo possível na dinâmica da família. Assim, realizou-se a observação não participante, com base no Roteiro de Observação da Função Reflexiva Parental (ROFRP) (Apêndice F). Os casos foram filmados e observados pela pesquisa, sem sua interferência nesse processo, em momentos de alimentação, troca de fraldas e interação livre pai-bebê. Destaca-se que não foi possível registros da mesma atividade por parte de todos os participantes da pesquisa, pois as idades dos bebês eram diferentes e, assim, encontravam-se em etapas desenvolvimentais distintas.

Salienta-se que o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS, sob o nº CAAE 90968418.8.0000.5344, o qual obteve aprovação (Resolução 2.719.548) (Apêndice G), pois cumpriu com as exigências éticas e metodológicas esperadas de uma pesquisa que envolve seres humanos.

Procedimento de análise dos dados

Para avaliar o funcionamento reflexivo paterno, foi utilizado o *Reflective Functioning Questionnaire 54 – Portuguese version (FRQ)*, criado por Fonagy et al. (2016), o qual permitiu a avaliação de tal função. As pontuações de cada uma das dimensões foram obtidas através das médias dos itens, respeitando-se os escores inversos de determinadas questões.

As estimativas utilizadas para apresentação dos resultados são oriundas através da média, desvio padrão e mediana. Os dados foram analisados no programa *Statistical Package for Social Sciences* versão 20.0 (SPSS Inc., Chicago, IL, USA, 2008) para Windows.

Além do questionário FRQ, os dados da entrevista semiestruturada complementaram a avaliação da Função Reflexiva, através da análise qualitativa de seu conteúdo. A partir da descrição de cada entrevista, foi possível extrair trechos das falas

dos participantes. A apresentação dos resultados foi organizada sob eixos, os quais nortearam a construção de cada caso.

A análise das filmagens da interação teve como base o Roteiro de Observação da Função Reflexiva Parental (ROFRP), desenvolvido pelo grupo de pesquisa CER Bebê, baseado nos indicadores da *Parental Embodied Mentalizing (PEM)* (Shai & Belsky (2011a; 2011b). Os tópicos que integram tal ferramenta são: interpretação dos próprios comportamentos: sentimentos, flexibilidade, desejos; interpretação dos comportamentos da criança: sentimentos, flexibilidade, desejos; interesse pelo seu próprio mundo interno e externo; interesse pelo mundo interno e externo da criança; discriminação e contingência.

A partir das falas, condutas e comportamentos, observou-se as respostas do pai frente às demandas do bebê. Analisou-se as filmagens em dois momentos: uma sem som e uma com som. A primeira teve como objetivo identificar movimentos, expressões faciais, postura corporal e outros aspectos subjetivos que podem ser captados por meio das condutas e comportamento de ambos; a segunda análise teve como objetivo identificar a FR por meio da fala associada aos movimentos.

A partir, portanto, dos dados obtidos na Ficha de Dados Sociodemográficos, por meio do questionário (FRQ), da entrevista semiestruturada e da análise da interação, cada caso foi construído individualmente, com base em três categorias, as quais são inspiradas nos constructos teóricos que embasam os conceitos de Função Reflexiva e Capacidade de Mentalização, que foram denominadas de: 1) Postura Reflexiva Paterna: para avaliar se o pai interpreta em termos de estados mentais os próprios comportamentos e também do outro, conseguindo nomear tanto os seus desejos, sentimentos, pensamentos e crenças, quanto os do outro; 2) Interesse pelo mundo da criança: com vistas a investigar o interesse do pai em explorar o mundo interno e externo criança, avaliando a sua discriminação –

verificar se o pai é capaz de expressar os sentimentos de seu bebê e também a sua contingência, ou seja, se consegue emitir respostas adequadas aos estados internos de seu filho; e 3) Flexibilidade: para avaliar o quanto o pai altera o seu comportamento em função das demandas da criança. Posteriormente a análise individual, realizou-se uma síntese de casos cruzados (Yin, 2015), de modo a identificar convergências e diferenças entre os casos.

Resultados e Discussão

Caso A – Arthur e Ângelo

Arthur, 37 anos, e Ana, 35 anos, casados há 5 anos, são pais de Ângelo, com a idade de 1 ano e 3 meses, único filho do casal. Arthur indica que sempre teve o desejo de tornar-se pai e sua narrativa mostra o quanto Ângelo é resultado de um planejamento do casal. O pai relata uma postura participativa desde o período gestacional de Ana, acompanhando-a nas consultas médicas e auxiliando-a em tarefas da rotina da casa. Devido à carga horário de trabalho de Ana, é Arthur quem normalmente fica com o filho pela manhã e durante o momento do almoço, contando com o auxílio de uma babá nesse período. No período da tarde, Ângelo fica unicamente sob os cuidados de Arthur, sendo o pai o responsável também pelo jantar do filho. No período da noite, divide as tarefas de cuidado com a esposa.

Em relação ao eixo *postura reflexiva paterna*, o pai mostra-se reflexivo acerca de seus próprios estados mentais, considerando-se uma pessoa calma e muito atenta. Ele descreve: “eu consigo assim ter um pouco mais de calma e observar as coisas”. Da mesma forma, mostra uma postura reflexiva acerca dos comportamentos do filho Ângelo. Afirma que costuma observar muito os comportamentos do filho, tentando entender o que ele necessita, sendo capaz de diferenciar os seus sentimentos dos sentimentos de Ângelo. Ele

relata: “E parece até se[r] um pouco instintivo assim, tu vai aprendendo o choro”. Arthur afirma conseguir compreender o desejo do filho através de seu choro: “tu percebe bem quando é uma necessidade dele, tá com fome, tá com sono ou é chamar a atenção”.

No *Reflective Functioning Questionnaire 54 – Portuguese version - FRQ*, Arthur obteve resultado de “Boa Função Reflexiva”, indicando que existe conhecimento sobre os seus estados mentais. Dado que corrobora com os resultados oriundos da análise realizada da entrevista e da interação entre Arthur e o filho Ângelo, que foi avaliada através do Roteiro de Observação da Função Reflexiva Parental (ROFRP).

No eixo *interesse pelo mundo da criança*, pode-se observar que Arthur tem interesse em reconhecer os pedidos e as necessidades de Ângelo, afirmando que nos primeiros meses de vida do filho era mais difícil identificar claramente suas solicitações, comportamentos e sentimentos. Arthur relembra: “eu lembro que quando ele era bem pequeno ainda, logo nas primeiras semanas, quando tinha muita cólica ainda, ele chorava e era mais difícil de entender ele, então eu comecei meio que assim... observa ele”.

Arthur mostra-se curioso e interessado ao que se passa na mente de seu filho. Relata, na entrevista, observar muito os comportamentos de Ângelo, além de buscar se manter calmo, acreditando que isso influencia, de forma favorável, para o êxito em atender adequadamente as solicitações de Ângelo. Ele relembra alguns desses momentos: “teve até alguns episódios com a Ana que eu pedia calma pra ela e dizia pra gente ir observando[...], [...] eu sempre tentei ter calma e observar, pra aí tentar achar o que tava acontecendo. A situação tá ali, então não adianta ter medo”.

A mesma condição confirmou-se na interação com o filho. Arthur esteve atento aos comportamentos de Ângelo, suas expressões faciais, conseguindo perceber através delas quando algo não o estava agradando, questionando-o sobre ele gostar ou não gostar de determinado alimento. Faz a discriminação dos sentimentos do filho, utilizando

expressões, como: “você gosta disso?”, “tá gostoso?”, “você não quer comer a batatinha?”, “você não gosta?”, demonstrando reconhecer o filho como um sujeito diferente de si próprio, Arthur também apresentou comportamentos contingentes: esteve atento aos sinais emitidos pelo filho, conseguindo responder adequadamente às solicitações, auxiliando o filho com o alimento, quando necessário, ensinando-o o ato de alimentar-se.

No eixo *flexibilidade*, Arthur mostra-se bastante sensível e flexível aos estados mentais do outro, sendo capaz de reconhecer e modificar o seu comportamento para que consiga atendê-lo, relatando que: “eu acabo pensando na situação e me adaptando, sabe”. A narrativa apresentada se refere aos diálogos e às combinações com a sua esposa frente às questões de cuidados do filho e do lar, demonstrado que Arthur tem compreensão do cenário familiar e coloca-se em um lugar de cooperação. Ele afirma: “às vezes é mais fácil eu me moldar, a minha ação na situação, que eu solicitar ou tratar verbalmente aquilo que tá me incomodando”.

Arthur apresenta atitudes sensíveis, aceitando as intenções do filho, demonstrando um comportamento encorajador; revela que entre eles há linguagem particular. Esse pai mostra-se bastante engajado com o filho e, além do tempo disponibilizado, há uma qualidade nas trocas interativas da dupla. Em seu relato, ele conta a forma como brinca com Ângelo: “Desde que ele é pequenininho, a gente brinca muito na sala, tem um tapete lá e aí a gente dispõe os brinquedos lá, eu sento no chão, pego os brinquedos [...], [...] eu sempre tentei ao máximo, eu gosto de ficar com ele, de brincar com ele.”

Salienta-se que, em alguns momentos da interação, apesar de Arthur compreender as intenções e os desejos do filho, não se mostrou flexível em seu comportamento, a fim de atender Ângelo, provavelmente em razão de suas crenças pessoais e não por um não entendimento do que o filho estava solicitando. Destaca-se uma ocasião em que Ângelo

faz o movimento para pegar o prato de comida, inclinando o tronco para a frente, dando a entender que iria colocar o seu rosto no prato. O pai, no mesmo instante, repreende-o, manifestando o seu desagrado com a ação do bebê. Tal atitude provavelmente acionou questões de cunho cultural: normas sociais referentes ao ato da alimentação humana.

No mesmo viés, se observa a preocupação que Arthur tinha de deixar o ambiente limpo e organizado, juntando grãos de comida, preferindo que o filho utilizasse talheres, ao invés de pegar a comida com a mão. Nesses momentos, ele deixou usar a mão em alimentos que eram de maior proporção, como, por exemplo, ovo e grãos de feijão, reforçando ideias de valores culturais e sociais que permeiam o ato da alimentação humana. Corroborando essa análise, acrescenta-se o fato de que, em uma ocasião dessa refeição, o pai dirige os talheres ao filho, colocando-os em suas mãozinhas, fazendo movimentos em direção à comida, instituindo, assim, regras e valores sociais ao filho sobre a forma de se alimentar.

Os dados apresentados referidos a regras e a valores culturais não interferiram na qualidade da interação da dupla, bem como nos resultados que apontam que Arthur possui boa Função Reflexiva, uma vez que é capaz de reconhecer e interpretar os estados mentais do filho, tendo flexibilidade, adequando o seu comportamento para atender o filho, quando considerava adequado.

Caso B – Bruno e Bento

Bruno, 33 anos, e Bárbara, 25 anos, são pais de Bento, de 5 meses. O filho não foi planejado pelo casal, o qual estava em etapa inicial do relacionamento. Casaram-se quando souberam da gravidez. Bruno relata que sempre desejou ser um pai presente e participar da rotina de cuidados do filho. Esse motivo o leva a reorganizar suas atividades profissionais, de modo a ficar em casa praticamente todas as manhãs, para poder estar mais tempo com o filho, dividindo com a esposa as tarefas de cuidado de Bento.

O pai indicou-se participativo desde o período gestacional, oferecendo atenção e cuidados à esposa, acompanhando-a nas consultas médicas. Após o nascimento de Bento, tem desempenhado uma postura ativa frente a todas as atividades diárias de cuidados, dividindo com a esposa as tarefas de troca de fraldas, banho, alimentação e interação livre.

Em relação ao eixo *postura reflexiva paterna*, Bruno mostra-se bastante seguro quanto às suas ações, sendo claro em suas colocações. Afirma que ele e a esposa estão em um momento de transição de papéis, aprendendo a serem pais: “a gente tá aprendendo um com o outro a sermos pais do Bento, a dar as atenções pra ele, basicamente a gente tá em momento de aprendizado, a gente tá nos construindo como novas pessoas, agora na posição de pais”.

Na interação entre Bruno e Bento, evidencia-se a capacidade de Bruno refletir também a respeito do comportamento do outro. Em mais de um momento, o pai consegue reconhecer, por meio dos movimentos corporais, o desagrado do filho. Destaca-se o momento em que Bruno pega o filho no colo, compreendendo que sua atitude deixou Bento insatisfeito, uma vez que Bento movimentava suas perninhas para baixo, como se quisesse descer, voltar para o lugar do sofá onde estava. O pai consegue perceber essa demanda, por meio do movimento do filho, e então o coloca novamente no lugar onde estava. Tal atitude fez Bento se acalmar.

Também demonstra sensibilidade ao compreender quando algo não está agradando o filho. Ao fechar os botões de seu macacão, Bento emite alguns sinais de início de choro; então, o pai responde: “essa parte o pai também não gosta...abotoar”. Pai e filho demonstram sintonia em sua relação, podendo se observar trocas interativas muito significativas, através de olhares, sorrisos, além da linguagem verbal.

Os elementos identificados na interação entre pai e filho vêm ao encontro do dado coletado na entrevista, em que o pai afirma conseguir interpretar os pedidos do filho:

“sim, quando ele está com fome, e quando ele está bem cansado para dormir ele fica muito choroso”. Isso evidencia sua postura reflexiva a respeito das demandas de seu filho. Esses dados corroboram com o resultado obtido por Bruno no *Reflective Functioning Questionnaire 54 – Portuguese version -FRQ*, o qual indica que ele tem conhecimento sobre os seus próprios estados mentais, ou seja, boa Função Reflexiva.

No eixo *interesse pelo mundo da criança*, Bruno explica que, em algumas situações, ainda tem dúvidas quanto aos desejos do filho, mas que aí costuma observar o desconforto, testar alguns comportamentos e ver a reação do filho: “mas aí a gente vai testando, vê se ele está desconfortável porque está com a fralda suja? Vamos ver! Tá com fome? Daí a gente testa. Mas normalmente a gente consegue, de primeira, já descobrir o que ele tem”. A questão da dúvida a respeito dos comportamentos do filho, a qual é relatada por Bruno, demonstra a sua postura reflexiva e de interesse pelo mundo da criança.

Relata a forma como maneja as situações gastrointestinais de Bento. “[...]Jeu comecei pegar ele no colo, colocava ele de bruços, colocava a mão na barriguinha dele e aí sentia que a barriga tava movimentando, que tinha gases, aí fui testando as posições que ele ia se acalmando”.

Durante a troca de fraldas, o pai antecipa para o filho os comportamentos que terá, nomeando para ele o que estava ocorrendo: “vamo troca o popô?” “é só xixi, né?” “passar a pomadinha pro popô não ficar assado”. Dirige-se ao filho de forma muito delicada, tanto no toque quanto na maneira que dialoga com Bento.

Ele revela oferecer suporte às iniciativas do filho, expondo claramente que entende o seu filho como um ser que possui vontades e desejos próprios. Demonstra sensibilidade por meio de suas atitudes em relação ao filho; observa-se instituída uma

linguagem particular entre os dois: o pai dirige palavras ao bebê, sendo respondido com olhares, sorrisos, choro.

Bruno mostra-se um pai encorajador, capaz de transmitir segurança e desenvolver autonomia para o filho Bento: “[...] o pai e a mãe tão aqui pra tudo que ele precisar, mas ele pode dar os passos dele [...]”.

No eixo *flexibilidade*, além de Bruno demonstrar conhecimento de seus próprios estados mentais, exprime uma postura flexível aos estados mentais do outro: “ser pai, ser mãe, muda muito em uma pessoa, tu projeta, tu se modifica, todas as ideias, as perspectivas, tudo se modifica, tudo gira em torno de uma outra pessoa, então a gente tá se moldando desse jeito”.

Manifesta gostar muito de brincar com o filho, considerando-se bastante ativo, acreditando que normalmente parte dele a iniciativa para as interações: “a interação é mais uma atividade que eu coloco pra ele e ele aceita e vai”. Porém, ele destaca que, ao observar o descontentamento por parte de Bento em alguma atividade, ele ajusta o seu comportamento em prol de atender o desejo do filho: “quando ele não tá confortável com aquilo, com aquela atividade específica ele reclama, eu já entendo, e já mudo”.

Bruno também destaca a importância de se criar espaços próprios para o filho, estimulando a autonomia: “Eu acho que é importante ele ter o momento dele, as coisas dele”. Indica que o filho já dorme em seu próprio quarto, sozinho: “Eu acho que o Bento, ele consegue ter sua independência já, ele consegue dormir no quarto dele, sem problema nenhum, ele dorme a noite toda”. Reconhece em Bento necessidades e vontades próprias, diferentes das suas, demonstrando uma postura flexível a isso.

Caso C – Carlos e Caio

Carlos, 34 anos, e Cristiane, 33 anos, são pais de Caio, com 37 dias, e são casados há 4 anos. Caio é o primeiro filho do casal, sendo fruto de muito planejamento por parte

dos dois. Carlos afirma que sempre ansiou tornar-se pai e que o desejo maior de ter um filho partiu mais dele do que da esposa. Esteve presente desde o período gestacional, participando de consultas médicas, auxiliando a esposa na escolha dos móveis para o quarto do bebê, oferecendo-lhe apoio nas atividades gerais do dia a dia.

Carlos conta que, para poder participar ativamente dos cuidados do filho, foi necessário modificar sua rotina de trabalho. Revela estar muito feliz e realizado nesse lugar, podendo envolver-se nas tarefas, dividindo com a esposa os cuidados do filho Caio.

Em relação ao eixo *postura reflexiva paterna*, Carlos obteve resultado considerado boa Função Reflexiva, no instrumento *Reflective Functioning Questionnaire 54 – Portuguese version* (FRQ), o que aponta para um conhecimento sobre os seus estados mentais.

Em relação aos estados mentais do filho Caio, Carlos considera bastante difícil identificar os pedidos, mas acredita que, com o passar do tempo, isso irá se tornar mais fácil. Ele explica: “de uma semana pra outra a gente vai vendo a evolução, agora depois de um mês e pouquinho a gente consegue ver exatamente quando ele tá com fome, que precisa mama[r], até pelo tempo de uma mamada e outra”. Carlos utiliza o tempo de uma mamada e outra para predizer se Caio está sentindo fome; isso evidencia uma dificuldade de interpretação das solicitações do filho, não sendo possível ainda nomear a demanda através do seu choro.

Carlos relata a forma de expressão do filho em momentos de cólicas e refere-se ao choro como gritos: “[...] ele não tem outra maneira de se comunicar então ele tem que grita né [...]”. Carlos sente-se incomodado às vezes: “[...] e o grito dele é muito alto, muito forte, ele grita demais, ensurdecador o grito dele. E chega ser perturbador o grito dele”. O pai manifesta que o choro de Caio, por ser bastante alto, por vezes o incomoda,

declarando que tudo isso “mexe com o emocional”, por considerar difícil de acalmar o filho nesses momentos.

Os elementos apresentados na sua entrevista corroboram com os dados observados na interação entre ele e o filho: em uma ocasião, o bebê mostra-se descontente com a posição que estava, em razão de o sol irradiar diretamente em sua face, e o pai não conseguiu identificar esse incômodo por parte de Caio. O pai está com ele no colo e movimenta-se em direção ao sol, pois ele o considera agradável. O bebê, contudo, movimenta várias vezes o rosto, na tentativa de que o sol não iluminasse em sua face; além disso, manifesta, através da expressão facial, franzindo a testa para cima, o seu desagrado em relação ao sol. Em seguida, passa a indicar o seu descontentamento através pela vocalização, com “resmungões” e pequenos choros. O pai somente muda a posição um tempo depois, após dois espirros de Caio, julgando que isso seria “o sol na cara do nenê”, mas não conseguiu perceber que o bebê já não estava confortável. Durante esse tempo, Carlos cria outras hipóteses para os pedidos de Caio, como sono, desejo de mudança de posição no colo, problemas gastrointestinais.

Em relação ao eixo *interesse pelo mundo da criança*, Carlos conta que o filho Caio responde muito às reações físicas ao ser tocado: “Ele responde, né. E isso é recíproco, porque ele mexe com a gente também [...]”. Elementos que dizem de trocas interativas entre pai e filho, onde um emite um comportamento e o outro responde.

Carlos também relata outros momentos entre a dupla: “[...] teve algumas oportunidades que ele fez uma cara, ele começa imitar a gente, né, ele fez uma cara, um bico, aquela cara fechada de choro e logo em seguida ele abriu um sorriso”. Em seguida, o pai questiona-se: “[...] Aí, o que esse nenê tá fazendo comigo? ele tá me testando? ele mexe com a gente, né”. O relato de Carlos evidencia a sua dificuldade de contingência e

discriminação, não conseguindo atribuir sentido e nomear as demandas de seu filho, atribuindo os comportamentos ao suposto “teste” de Caio a ele.

O vínculo instituído entre Carlos e Caio encontra-se em estágio inicial, devido à pouca convivência dos dois, pois Caio está com 37 dias. Durante a interação entre o pai e o bebê aparecem elementos que se apresentam como supostas inexperiências do pai, como a forma de pegar o filho no colo, a maneira como maneja o bebê na troca de fraldas, assim como o modo como embala o filho para acalmá-lo.

Observa-se na atividade de troca de fraldas que Carlos antecipa seus comportamentos ao filho, nomeando para o bebê suas condutas: “tá todo molhado”, “tu vai ter que ficar peladão”, “vamos tirar a roupinha?”. Mas Carlos não faz menção aos sentimentos de Caio frente aos seus comportamentos, o que não evidencia uma postura sensível e discriminatória por parte de Carlos.

No eixo *flexibilidade*, após a troca de fraldas, quando o pai está vestindo Caio, não se constatou uma flexibilidade por parte de Carlos, pois ele não modificou o seu comportamento para que pudesse acalmar o filho. Caio chora bastante nessa situação, e Carlos não dirige ao filho palavras de consolo: ele segue na tarefa de vesti-lo. Acredita-se que, nesse momento, possa haver influências de crenças sociais, “realizar a troca de fraldas rápido”, para que o bebê não fique sem a roupinha, passando frio.

Carlos relata que, logo nos primeiros dias após o nascimento de Caio, contraiu uma bactéria, ficando com a sua saúde debilitada. Caracteriza os primeiros dias de vida de Caio como muito difíceis: “[...] foi muito difícil por isso pra mim. Não consegui ter a mesma tranquilidade assim, que normalmente eu tenho pra fazer as coisas”.

O pai mostra-se bastante insatisfeito com as interferências familiares, pois sua sogra reside no mesmo prédio que o casal: “[...] a família também que se envolver demais e tu não tem paz, não tem tranquilidade, pra prestar atenção no que tá acontecendo [...]”.

Também manifesta o grande número de visitas que receberam, após o nascimento de Caio, o que o fez solucionar a questão, elaborando um guia orientador:

“[...] um passo a passo com regras, que eu mesmo montei, pro bem-estar do nenê; eu mesmo fiz, porque no início é tudo novo, é tudo novidade a gente que trazer o que, trazer uma situação que é novidade, que é desbalanço pra uma situação de equilíbrio. Demorou um pouco mais, mas agora melhorou bastante”.

Na narrativa de Carlos, é possível inferir que ele está passando por um momento de bastante estresse com a chegada de Caio, devido às novas demandas que o papel paterno traz consigo, podendo considerar o adoecimento dele como uma baixa no sistema imunológico, devido à carga emocional vivida nos primeiros dias de vida do filho. Interpreta-se o passo a passo elaborado por Carlos como uma forma de ele tentar se organizar psicologicamente com a nova situação, além de demonstrar uma inflexibilidade emocional e uma postura pouco reflexiva frente às opiniões do outro.

Síntese de Casos Cruzados

A partir da apresentação individual dos casos, identificaram-se aspectos semelhantes e divergentes entre os participantes, sendo analisados a partir dos eixos teóricos: postura reflexiva paterna, interesse pelo mundo da criança e flexibilidade. No eixo *postura reflexiva paterna*, analisou-se os resultados dos três casos investigados, referentes à escala FRQ. As estimativas foram obtidas tanto para a pontuação total (soma das pontuações de todos os itens referentes a cada subescala) quanto para a pontuação média (soma de todos os itens de cada subescala, dividindo tal resultado pelo número de itens).

Realizou-se a interpretação para as estimativas referentes às médias das pontuações, utilizando-se como base a análise gerada pelo estudo de validação da escala (Fonagy, et al. 2016), obteve-se os escores médios de todos os itens (em cada subescala), considerados na transformação das pontuações, conforme sintaxe SPSS.

Tabela 2
Média e desvio padrão para as subescalas FRQ nas pontuações totais e pontuações médias

Estimativas RFQ			
Dimensões	Média	Desvio padrão	Mediana
Pontuação total			
FRQc	28,3	20,0	27,0
FRQu	13,0	17,3	4,0
Pontuação média			
FRQc	1,09	0,77	1,04
FRQu	0,50	0,67	0,15

Nota. Elaborado pela autora.

De acordo com as estimativas para a pontuação média, apresentadas na Tabela 2, verificou-se que a média para a subescala FRQc ($1,09 \pm 0,77$) foi superior quando comparada à média para a FRQu ($0,50 \pm 0,67$).

Tanto na subescala FRQc (CERTEZA) quanto na subescala FRQu (INCERTEZA), a pontuação máxima a ser atingida é 3. Verificou-se que os investigados concentraram baixas pontuações, o que implica em baixas concordâncias. Tais resultados caracterizam boa mentalização e que há conhecimento sobre os estados mentais, respectivamente.

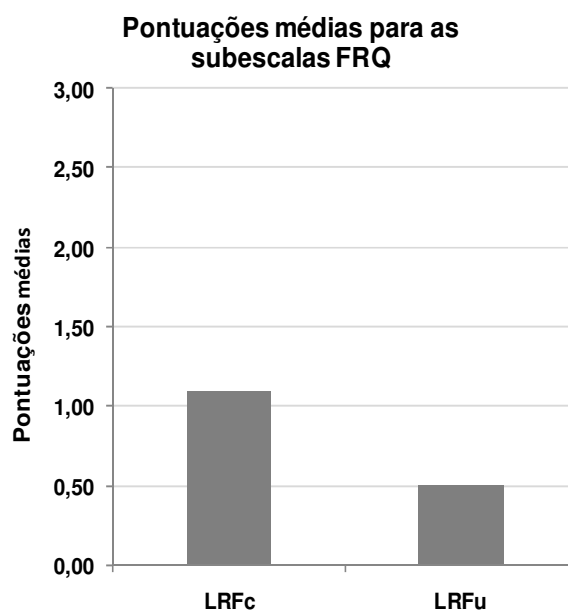


Gráfico 1: Pontuações médias para as subescalas FRQ

Os dados apresentados acima, referentes ao FRQ, foram considerados para a avaliação da Função Reflexiva do pai. Os demais resultados, contudo, provenientes da interação entre o pai e o bebê e da entrevista semiestruturada, apresentaram divergências no Caso de Carlos. Os resultados totais evidenciaram que Arthur e Bruno possuem conhecimento sobre os seus próprios estados mentais e de seus filhos. Para Fonagy et al. (1995; 2002), as pessoas com níveis elevados de FR reconhecem com mais facilidade os seus pensamentos, emoções, intenções e desejos, sendo capazes de controlar os impulsos parentais, influenciando na relação com a criança. Em consequência disso, por revelarem um melhor desempenho em refletir os seus próprios estados mentais e do outro, apresentam cuidados mais sensíveis e responsáveis com o bebê. Isso faz com que se desenvolvam estilos de apego mais saudáveis, uma melhor regulação emocional e um melhor funcionamento interpessoal (Fonagy & Bateman, 2006; Fonagy et al., 2007).

Quando apresentam falhas nessa função, portam-se de forma mais automática, tendo uma baixa sensibilidade aos comportamentos do outro (Fonagy et al., 2007). Isso se observou no caso de Carlos para com o filho Caio, em que o pai não apresentava sensibilidade aos comportamentos emitidos pelo filho, e, em consequência disso, não conseguia responder adequadamente aos desejos do bebê. Porém, torna-se necessário salientar que a FR de Carlos pode estar comprometida devido à nova situação de vida que ele está vivendo. A relação entre o pai, Carlos, e o bebê, Caio, é a mais recente dentre os casos analisados. Em decorrência de altos e baixos níveis de excitação, a FR pode variar, além de também poder se apresentar de forma diferente nos diversos relacionamentos vividos pelo sujeito (Benbassat & Priel, 2015; Fonagy et al., 2002).

Os relatos dos outros dois participantes evidenciam mudanças na relação deles com os filhos com o passar do tempo, sendo apontadas que, no atual momento, eles

conseguem responder com mais facilidade aos chamados de seus bebês. As respostas empáticas fornecidas repetidamente pelos pais ao bebê, como no caso de Bruno, em que o pai pega o filho no colo e observa o descontentamento dele com a mudança de posição, fazendo com que Bruno volte a colocar o filho na posição em que estava, vai desenvolvendo um senso de segurança e conforto. Isso irá determinar as condições de exploração do mundo e o contato do bebê com outras pessoas ao longo do ciclo vital do ser humano (Dalbem & Dell'aglio, 2005; Ramires, 2003; Ramires & Schneider, 2010).

Uma postura calma e observadora foi percebida em Arthur e Bruno, demonstrando elementos referentes à capacidade de diálogo, revelando que possuem um bom relacionamento interpessoal, uma flexibilidade emocional, além de serem capazes de se colocarem em lugar de aprendiz. Isso pode ser denominado como a capacidade de pensar e refletir sobre as suas condutas e também sobre as do outro. Uma boa FR estaria ligada a uma melhor consciência de responsabilidade, compromisso e uma melhor percepção sobre o seu papel de pai ao envolver-se com os filhos (Benbassat & Priel, 2015).

Quando o adulto coloca-se em uma posição sensível, sendo capaz de compreender e refletir as experiências emocionais da criança, ele está fornecendo o suporte para que ela consiga desenvolver a sua FR, ou seja, fazendo com que a criança adquira um reconhecimento da sua própria mente e de seus estados mentais, os quais são diferentes dos de seus pais. Torna-se, por isso, essencial, nos cuidados iniciais de vida do bebê, que o cuidador possua uma boa FR e uma sensibilidade nesse cuidado (Benbassat & Priel, 2015; Fonagy et al., 2007; Fonagy & Target, 1997).

No eixo *interesse pelo mundo da criança*, buscou-se analisar, além das interações verbais, os processos não conscientes e não verbais da dupla, observando se os pais exploravam o mundo interno e externo de seus filhos, ou seja, se eram capazes de

perceber, através dos movimentos e expressões faciais e corporais, as intenções de seus filhos. Os pais precisam reconhecer os movimentos e as expressões corporais do bebê, pois muitos de seus desejos e intenções são manifestados através do seu corpo (Shai & Belsky, 2011a; 2011b).

Os participantes Arthur e Bruno apresentaram resultados positivos, demonstrando uma postura responsiva e sensível, sendo ambas características de extrema importância para que se consiga reconhecer e emitir comportamentos apropriados às solicitações da criança (Bossardi et al., 2015), além de serem apontadas como condições essenciais para a formação da FR do bebê (Bateman & Fonagy, 2003).

Quando os pais realizaram a distinção dos sentimentos do filho em relação ao seus, durante as interações, nomeando-os, eles estão fazendo com que a criança compreenda o seu próprio mundo interno, desenvolvendo a percepção de si, formando a sua autonomia e a sua autoestima (Fonagy et al., 2007). Dessa forma, o funcionamento reflexivo efetivo por parte dos pais irá promover o desenvolvimento da Capacidade de Mentalização da criança (Ensink et al., 2015; Fonagy et al., 2007).

Sinaliza-se que o participante Carlos apresentou dificuldades em explorar o mundo interno e externo de seu filho, não percebendo as intenções e as solicitações que o bebê lhe demandava, e, em uma situação específica, ele inclusive responde de forma equivocada para o filho. Ele não faz a diferenciação entre o seu mundo interno e o mundo interno do bebê, pois ele julga confortável a condição da posição solar e, então, não consegue perceber que para o filho não estava agradável. O desencontro das respostas do cuidador aos desejos do bebê, quando se torna um padrão na interação, poderá ocasionar uma exclusão de elementos importantes do *self* da criança e também nas suas percepções em relação aos outros (Fonagy et al., 2002).

Ao explorar o mundo interno e externo dos filhos, dois dos pais demonstraram interesse e motivação em reconhecer os estados mentais de seus bebês. A motivação por parte do cuidador é apontada por Fonagy et al. (1995; 2002) como essencial para que se consiga refletir sobre o estado mental e, então, responder adequadamente ao que lhe está sendo demandado.

As trocas interativas observadas entre os pais e os bebês evidenciam se o pai consegue responder ao filho de forma contingente, discriminando os sentimentos e os desejos dele. Aponta-se para a importância do vínculo interacional da dupla, pois uma interação de qualidade entre o bebê e o pai irá repercutir positivamente na estruturação emocional da criança, contribuindo para o desenvolvimento efetivo das suas habilidades sociais (Bossardi et al., 2015). Salienta-se que, para se desenvolver uma interação dual de qualidade, é necessário que o cuidador e a criança estejam em sintonia, ou seja, é fundamental que o pai consiga responder de forma contingente, discriminando os sentimentos e os desejos da criança, distinguindo-os dos seus (Bossardi, 2015; Levandowski & Piccinini, 2002; Seidl-de-Moura & Ribas, 2007).

O eixo *flexibilidade* evidenciou a condição de mudança de comportamento, por parte dos pais, ao perceberem que havia desencontros entre eles e os bebês. O tornar-se pai traz consigo uma série de mudanças, e, por vezes, pode se apresentar de uma forma emocional bastante densa para o sujeito. As responsabilidades mudam, a rotina muda, a vida do casal se modifica para que se consiga atender às demandas do bebê. As situações apresentam-se como novas experiências, não sendo possível controlar e planejar exatamente como o processo irá transcorrer; os pais precisaram refletir sobre esses comportamentos e pode ser necessário modificar as suas atitudes para que consigam dar suporte ao filho, exigindo, assim, uma flexibilidade emocional que o permita ajustar e adaptar suas condutas.

Por Carlos ter se tornado pai recentemente, em seu relato é percebido com mais densidade as mudanças e as novas atribuições do papel paterno. Tudo ainda se apresenta como novo e, por isso, atribui-se a alguns dados apresentados por ele uma maior dificuldade. Destaca-se que Carlos se mostra mais resistente frente à flexibilização de suas condutas que os demais participantes. As estratégias tomadas por ele através do passo a passo para o bem-estar do bebê denunciam uma dificuldade de diálogo e combinações. Além de acreditar que isso possa contribuir para medidas de cuidado ainda mais automáticas do pai, impedindo que ele perceba o seu filho como um sujeito de desejos e necessidades próprias.

O perceber o filho como um ser de desejos e necessidades próprias, conseguindo diferenciar o seu mundo do mundo bebê, caracteriza-se como Função Reflexiva Parental (FRP). Colocar-se em lugar de apoio, em uma postura encorajadora, evidencia uma postura flexível por parte do cuidador (Fonagy et al., 1995; 2007; Slade, 2005).

Resultados compatíveis a isso foram verificados nas interações de Arthur e Bruno com os filhos, demonstrando que eles conseguem entender as intenções dos filhos, dando-lhes respostas adequadas, mostrando-se flexíveis, sendo capazes de modificar o seu comportamento para poder atender adequadamente o desejo de seus bebês.

Levou-se em conta as crenças sociais e pessoais de cada participante e como isso poderia influenciar na sua conduta para com o filho. Pode-se também observar o lugar que o pai ocupa socialmente na família e na relação com os filhos. No momento em que Arthur não valida algumas iniciativas de Ângelo, a sua postura demonstra uma transmissão de suas próprias crenças e valores, além de repassar ensinamentos ao filho: o ato da alimentação humana se utilizar de talheres, organização do ambiente, deixando-o limpo e organizado, não deixando restos de comida sobre a mesa.

A mesma conduta foi percebida em uma das narrativas de Bruno, quando ele relata que o filho dorme a noite toda no seu próprio quarto, salientando a importância de se criar espaços de autonomia para o filho. Nesse momento, o pai coloca-se em um lugar de responsável, ficando à disposição do filho, caso ele precise de algo.

Os elementos anteriormente apresentados revelam o lugar do pai em nossa sociedade, estando vinculado à transmissão de valores, expondo o que é certo e errado, educando os filhos. Atender às necessidades dos filhos também se relaciona ao colocar-se como responsável, garantindo as necessidades básicas, gerando segurança, conforto e educação aos filhos. Tais atitudes são condizentes a pais envolvidos com os seus filhos (Bolze & Crepaldi, 2015; Bueno et al., 2015).

Considerações Finais

O objetivo deste estudo buscou investigar a Função Reflexiva paterna no contexto de interação pai-bebê. Identificou-se que, dos três casos analisados, dois apresentam uma boa Função Reflexiva e um deles revela dificuldades em entender e nomear os comportamentos e desejos do filho.

A interação entre pai e filho expôs que é necessária uma disponibilidade tanto de tempo como de interesse emocional e consiste num processo gradual, que precisa ser desenvolvido, na medida em que o pai se empenha em atender às demandas do filho. Isso exige um envolvimento paterno que seja capaz de compartilhar com as atividades atinentes à organização e a própria criação de hábitos e rotinas que contribuam para os primeiros anos de vida do bebê.

Dois dos casos analisados já apresentam práticas do dia a dia estabelecidas. Percebe-se que tal aspecto é resultado de um arranjo de rotinas entre os cônjuges, além de uma atividade profissional que permite uma certa flexibilização de horários por parte

do pai. Entende-se que as etapas de desenvolvimento dos filhos, com 5 meses e 1 ano e 3 meses (caso A e caso B, respectivamente), são fatores que auxiliam para a organização do cotidiano e para o vínculo entre pai e filho. Nesse sentido, reconhece-se que o caso que não indica uma boa Função Reflexiva (caso C) pode estar relacionado ao fato de a idade do bebê ainda configurar um processo de adaptação nesse novo lugar ocupado pelo pai.

As demandas de um bebê requerem a capacidade de flexibilização, a qual está relacionada a comportamentos que manifestem interesse pela criança e seu mundo, bem como disponibilidade emocional, para que ocorra, então, o engajamento necessário para o vínculo – elemento fundamental para a interação. No que se refere à flexibilização, também foi evidenciado no caso C, que tal pai mostrava dificuldades nesse quesito.

Os resultados desse estudo indicam que o desenvolvimento da Função Reflexiva está associado tanto a fatores internos quanto externos. Os depoimentos dos pais expuseram uma análise sobre os seus sentimentos e estados mentais na condição de cuidador, o que demonstra uma interpretação de si, característica básica para aquisição da Função Reflexiva. Evidencia-se que tais perspectivas sobre si também estão associadas ao processo de gestação, na medida em que passa, nesse período, a refletir sobre a sua futura condição de pai.

Entende-se que o fato da dinâmica familiar contemporânea ainda é recente, há poucas investigações cujo tema central aborde a paternidade, diante disso, o estudo em questão visa contribuir para suprir essa escassez de estudos nessa área. Além disso, observa-se que configuração de famílias em que o pai se reconhece no compartilhamento de tarefas dos filhos e do lar ainda é incipiente. Nesse sentido, acredita-se que novos moldes no mercado de trabalho precisam ser adotados para que o pai possa estar mais presente nos momentos iniciais de vida dos filhos, podendo participar de modo mais

efetivo das primeiras experiências de vida do bebê e também das descobertas próprias de um pai e uma mãe construindo essa nova família.

Referências

- Bateman, A. W., & Fonagy, P. (2003). The development of an attachment-based treatment program for borderline personality disorder. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 67(3: Special Issue), 187-211. doi: 10.1521/bumc.67.3.187.23439
- Benbassat, N., & Priel, B. (2012). Parenting and adolescent adjustment: the role of parental reflective function. *Journal of adolescence*, 35(1), 163-174. doi: 10.1016/j.adolescence.2011.03.004
- Benbassat, N., & Priel, B. (2015). Why is fathers' reflective function important?. *Psychoanalytic Psychology*, 32(1), 1-22. doi: 10.1037/a0038022
- Bolze, S. D. A., & Crepaldi, M. A. (2015). O pai e seus relacionamentos familiares: uma perspectiva intergeracional. In E. R. Goetz, & M. L. Vieira (Org.), *Novo pai: percursos, desafios e possibilidades* (pp. 31-43). Curitiba: Juruá.
- Bossardi, C. N., Bueno, R. K., & Vieira, M. L. (2015). Interação do pai com seus filhos e filhas. In E. R. Goetz, & M. L. Vieira (Org.), *Novo pai: percursos, desafios e possibilidades* (pp.77-93). Curitiba: Juruá.
- Bossardi, C. N. (2015). Envolvimento e interações paternas com filhos de 4 a 6 anos: relações com os sistemas parental e conjugal. (Tese de doutorado). -Recuperado de: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135279>
- Bueno, R. K., Bossardi, C. N., & Viera, M. L. (2015). Papel do Pai no contexto contemporâneo. In E. R. Goetz, & M. L. Vieira (Org.), *Novo pai: percursos, desafios e possibilidades* (pp. 109-124). Curitiba: Juruá.

- Bueno, R. K., Gomes, L. B., & Crepaldi, M. A. (2015). A importância do pai no desenvolvimento da criança. In E. R. Goetz, & M. L. Vieira (Org.), *Novo pai: percursos, desafios e possibilidades* (pp. 95-107). Curitiba: Juruá.
- Burkhart, M. L., Borelli, J. L., Rasmussen, H. F., Brody, R., & Sbarra, D. A. (2017). Parental mentalizing as an indirect link between attachment anxiety and parenting satisfaction. *Journal of Family Psychology, 31*(2), 203-213. doi: 10.1037/fam0000270
- Carvalho, C., & Ramires, V. R. R. (2018). Avaliação da Capacidade de Mentalização em crianças. *Rev. bras. psicoter. 20*(2), 85-100.
- Dalbem, J. X., & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos brasileiros de psicologia, 57*(1), 12-24. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672005000100003
- Dozier, M., Lindhiem, O., Lewis, E., Bick, J., Bernard, K., & Peloso, E. (2009). Effects of a foster parent training program on young children's attachment behaviors: Preliminary evidence from a randomized clinical trial. *Child and Adolescent Social Work Journal, 26*(4), 321-332. doi: 10.1007/s10560-009-0165-1
- Ensink, K., Fonagy, P., Normandin, L., Berthelot, N., Biberdzic, M., & Duval, J. (2015). O papel protetor da mentalização de experiências traumáticas: implicações quando da entrada na parentalidade. *Estilos da Clínica, 20*(1), 76-91. doi: 10.11606/issn.1981-1624.v20i1p76-91
- Fearon, P., Target, M., Sargent, J., Williams, L. L., McGregor, J., Bleiberg, E., & Fonagy, P. (2006). Short-term mentalization and relational therapy (SMART): An integrative family therapy for children and adolescents. In J. G. Allen, & P. Fonagy

(Eds.), *Handbook of mentalization-based treatment* (pp. 201-222). New Jersey: John Wiley & Sons.

- Fonagy, P., Steele, M., Steele, H., Leigh, T., Kennedy, R., Mattoon, G., & Target, M. (1995). Attachment, the reflective self and borderline states: The predictive specificity of the Adult Attachment Interview and pathological emotional development. In S. Goldberg, R. Muir, & J. Kerr (Eds.), *Attachment theory: Social, developmental and clinical perspectives* (pp. 233–278). London, UK: Analytic Press.
- Fonagy, P., & Bateman, A. W. (2006). Mechanisms of change in mentalization-based treatment of BPO. *Journal of Clinical Psychology*, 62(4), 411–430. doi: 10.1002/jclp.20241.
- Fonagy, P., & Luyten, P. (2009). A developmental, mentalization-based approach to the understanding and treatment of borderline personality disorder. *Development and Psychopathology*, 21, 1355–1381. doi:10.1017/S0954579409990198
- Fonagy, P., & Target, M. (1997). Attachment and reflective function: their role in self-organization. *Development and Psychopathology*, 9(4), 679–700. doi: 10.1017/S0954579497001399.
- Fonagy, P., Gergely, G., & Target, M. (2007). The parent–infant dyad and the construction of the subjective self. *Journal of child psychology and psychiatry*, 48(3), 288-328. doi: 10.1111/j.1469-7610.2007.01727.x
- Fonagy, P., Gergely, G., Jurist, E. L., & Target, M. (2002). Affect regulation, mentalization, and the development of the self. New York, NY: Other Press.
- Fonagy, P., Luyten, P., Moulton-Perkins, A., Lee, Y. W., Warren, F., Howard, S., ... & Lowyck, B. (2016). Development and validation of a self-report measure of mentalizing: The reflective functioning questionnaire. *PLoS One*, 11(7), e0158678. doi: 10.1371/journal.pone.0158678

- Harris, P. (1999). Individual differences in understanding emotion: The role of attachment status and psychological discourse. *Attachment & Human Development*, 1, 307–324. doi:10.1080/14616739900134171
- Laible, D. J., & Thompson, R. A. (2002). Mother– child conflict in the toddler years: Lessons in emotion, morality, and relationships. *Child Development*, 73(4), 1187–1203. doi:10.1111/1467-8624.00466.
- Levandowski, D. C., & Piccinini, C. A. (2002). A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. *Psicologia: reflexão e crítica*, 15(2), 413-424. Recuperado de <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/25666>
- Madsen, S. A., Lind, D., & Munck, H. (2007). Men's abilities to reflect their infants' states of mind: Interviews with 41 new fathers on experiences of parenthood. *Nordic Psychology*, 59(2), 149-163. doi: 10.1027/1901-2276.59.2.149
- Nunes, L. D. L., & Salomão, N. M. R. (2016). O bebê aos três meses: concepções de pais e mães. *Psicologia em Estudo*, 21(2), 245-255. doi: 10.4025/psicolestud.v21i2.29197
- Paquette, D., Bolté, C., Turcotte, G., Dubeau, D., & Bouchard, C. (2000). A new typology of fathering: Defining and associated variables. *Infant and Child Development: An International Journal of Research and Practice*, 9(4), 213-230. doi: 10.1002/1522-7219(200012)9:4<213::AID-ICD233>3.0.CO;2-0
- Paquette, D. (2004). Theorizing the Father-Child Relationship: Mechanisms and Developmental Outcomes. *Human Development*, 47(4), 193-219. doi: 10.1159/000078723
- Ramires, V. R. (1997). *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

- Ramires, V. R. R. (2003). Cognição social e teoria do apego: possíveis articulações. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(2), 403-410. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n2/a20v16n2>
- Ramires, V. R. R., & Godinho, L. R. (2011). Psicoterapia baseada na mentalização de crianças que sofreram maus-tratos. *Psicologia em Estudo*, 16(1), 61-70. doi: 10.1590/S1413-73722011000100008
- Ramires, V. R. R., & Schneider, M. S. (2010). Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação?. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26(1), 25-33. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n1/a04v26n1>
- Ruffman, T., Slade, L., & Crowe, E. (2002). The relation between children's and mothers' mental state language and theory of mind understanding. *Child Development*, 73(3), 734-751. doi:10.1111/1467-8624.00435
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de pesquisa* (5 ed). Porto Alegre: Penso.
- Seidl-de-Moura, M. L., & Ribas, A. F. P. (2007). A pesquisa observacional e o estudo da interação mãe-bebê. In C. A. Piccinnini & M. L. S. de Moura (Eds.), *Observando as primeiras interações pais-bebê-criança: diferentes abordagens teóricas e metodológicas* (pp.103-130). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Schaefer, M. P. (2015). *Psicoterapia mãe-bebê: uma intervenção no contexto da prematuridade* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, Brasil.
- Shai, D., & Belsky, J. (2011a). When Words Just Won't Do: Introducing Parental Embodied Mentalizing. *Child Development Perspectives*, 5(3), 173-180. doi:10.1111/j.1750-8606.2011.00181.x

- Shai, D., & Belsky, J. (2011b). Parental Embodied Mentalizing: Let's be explicit about what we mean by implicit. *Child Development Perspectives*, 5(3), 187-188. doi: 10.1111/j.1750-8606.2011.00195.x
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de psicologia*, 24(4), 561-573. Recuperado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=395335889015>
- Slade, A. (2005). Parental reflective functioning: An introduction. *Attachment & human development*, 7(3), 269-281. doi:10.1080/14616730500245906
- Souza, C. L. C., & Benetti, S. P. C. (2009). Paternidade contemporânea: Levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paidéia*, 19(42), 97-106. doi: 0.1590/S0103-863X2009000100012
- Stover, C. S., & Coates, E. E. (2016). The relationship of reflective functioning to parent child interactions in a sample of fathers with concurrent intimate partner violence perpetration and substance abuse problems. *Journal of family violence*, 31(4), 433-442. doi: 10.1007/s10896-015-9775-x
- Stover, C. S., & Kiselica, A. (2014). An initial examination of the association of reflective functioning to parenting of fathers. *Infant mental health journal*, 35(5), 452-461. doi: 10.1002/imhj.21459
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de Caso: planejamento e métodos* (5 ed). Porto Alegre: Bookman
- Winnicott, D. W. (1975). O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In D. W. Winnicott, [Autor], *O brincar e a realidade* (pp. 175-186). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1967).

Apêndices

Apêndice A – Entrevista de Triage – Contato telefônico

Rapport: Oi, eu sou a _____, e estou te ligando, pois recebemos email/SMS/ligação sua a respeito do projeto de interação pai-bebê. Preciso te fazer algumas perguntas, pois há alguns critérios para sua participação.

Data do contato: ____ / ____ / 2018

Nome do Pai: _____

Idade da Pai: _____ anos (pai adolescente não será incluído nesse estudo)

Nome do bebê: _____

Sexo do bebê: () menina () menino Idade do bebê: ____ meses

Data de nascimento do bebê: ____ / ____ / ____ (somente participarão bebês de 0 a 18 meses. Se passou da idade, agradecer e dizer que nesse momento iremos priorizar bebês de 0-18 meses)

Nesse momento, estamos priorizando casos em que o bebê não tenha maiores problemas de saúde, então gostaria de te perguntar se teu bebê tem: () síndrome de *down* () alguma outra síndrome () alguma malformação () problemas cardíacos () problema neurológico () atraso no desenvolvimento diagnosticado pelo médico ou outro profissional (Caso bebê tenha algum dos problemas acima, explicar para o pai que, nesse momento, esses casos não serão incluídos na pesquisa)

Você auxilia sua esposa nos cuidados do filho? () Sim

Tem algum período do dia em que o bebê está sob os seus cuidados? () Manhã () Tarde () Noite

Cuidados que executa: () Alimenta () Trocas de fraldas () Banho () Outros _____

Tem mais alguém que auxilia nos cuidados do bebê? () Sim, quem? _____ () Não

Em que momentos pode-se contar com esse auxílio e em que atividades? _____

Isso acontece com que frequência do dia/semana? _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

Telefone residencial: () _____ Telefone celular: () _____

Telefone de contato: () _____ Telefone recados: () _____

E-mail: _____

Disponibilidade de horários para pesquisa (dia da semana/fim de semana e horário/turno melhor – pegar 2 ou 3 alternativas preferencialmente):

Como soube da pesquisa? _____

Caso puder participar, agradecer o interesse e a disponibilidade e marcar dia e horário para o encontro.

Agendado para dia/ hora: _____

Local: _____

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Fernanda Torzeccki Trage, sou aluna do curso de Mestrado em Psicologia Clínica, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), e estou realizando uma pesquisa que se chama “Função Reflexiva paterna no contexto de interação pai-bebê”, sob orientação da professora Dra. Tagma M. S. Donelli. Este estudo objetiva investigar e compreender a Função Reflexiva do pai na interação pai/bebê na localidade de Porto Alegre e/ou região.

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, sua participação ocorrerá em duas etapas. A primeira consiste em responder perguntas sobre seus dados de identificação pessoal, um questionário referente à Função Reflexiva e, por fim, você responderá uma entrevista, que será gravada em áudio, com perguntas sobre a sua experiência parental. Estima-se que todo esse procedimento seja de, aproximadamente, 1 hora e 40 minutos. Na etapa seguinte, será observada uma interação entre você e o seu bebê, tendo duração de 30 minutos. Esta observação será filmada.

Possíveis riscos de participar deste estudo são constrangimento em relação às perguntas ou à filmagem e a possibilidade de que se sinta desconfortável. Sendo assim, você poderá desistir de participar a qualquer momento, sem prejuízo algum. Sua identidade será preservada, bem como qualquer informação que possibilite a identificação de ambos. Essas informações servirão apenas para caracterizar o público que colaborou com a pesquisa. Os dados obtidos através do preenchimento do questionário, dos áudios das entrevistas e da filmagem da observação serão utilizados, exclusivamente, para fins de pesquisa, e os resultados deste estudo poderão ser divulgados em eventos e demais veículos de comunicação científica. Os dados dessa pesquisa serão armazenados por cinco anos e, depois, destruídos conforme indicado na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Sempre que desejar, você poderá pedir o esclarecimento de dúvidas pelo telefone (51)35911208 ou pelo e-mail fernandatrage@outlook.com

Se você aceita participar desta pesquisa, é preciso assinar o Termo de consentimento em duas vias, uma ficará com você e a outra comigo.

Declaração de consentimento:

Confirmando ter conhecimento do conteúdo deste termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo com a minha participação nesta pesquisa e, por isso, dou meu consentimento, inclusive, para a utilização dos áudios da entrevista e das imagens obtidas nas observações.

Data: ___ / ___ / _____

Nome:

Fernanda Torzeccki Trage
Pesquisadora responsável

Apêndice C – Ficha de Dados Sociodemográficos

Participante: _____

Data: __/__/____

Entrevistador: _____

Eu gostaria de ter mais algumas informações sobre você.

DADOS DO BEBÊ

Data de nascimento __/__/____ Idade: ____

DADOS DO PAI

Data de nascimento: __ __/ __ __/ __ __ __ __ Idade: __ __

Bairro: _____ Cidade: _____

Escolaridade:

- () ensino fundamental incompleto
 () ensino fundamental completo
 () ensino médio incompleto
 () ensino médio completo
 () ensino superior incompleto
 () ensino superior completo
 () pós-graduação

Profissão:

Trabalha fora de casa:

- () Sim
 () Não

Estado civil:

- () casado
 () separado/divorciado
 () viúvo
 () morando junto

Desde quando? __/__/__

Tem outros filhos? () sim () não.

Quantos? _____

Idades dos outros filhos:

Dados da infância:

Na infância, foi cuidado:

- () pela mãe
 () pelo pai
 () pela mãe e pelo pai
 () pelos avós
 () _____) _____ outros. Quem?

Observações:

Como tu descreveria a participação do teu pai nos teus cuidados da infância:

- Participativo
- Muito Participativo
- Pouco Participativo
- Ausente

Observações:

Passou por alguma experiência de:

- abandono
- negligência
- maus-tratos
- abrigo
- outra. Qual?

ASPECTOS DA MORADIA ATUAL:

Quantas pessoas moram na casa, incluindo você: _____

Quem são os moradores da casa? _____

ASPECTOS DO CUIDADO QUE DESEMPENHA COM O FILHO:

Quais tarefas você executa nos cuidados diários do seu filho:

- Troca de fraldas () Frequência diária
- Alimentação () Frequência diária
- Banho () Frequência diária
- _____

Que outras tarefas você executa?

- Leva em consultas médicas
- Brincadeiras
- Passeios
- _____

Com que frequência (dias/ horas) você auxilia nos cuidados do seu filho?

Apêndice D – Reflective Functioning Questionnaire

Reflective Functioning Questionnaire 54 – Portuguese version

Por favor, leia as 54 afirmações a seguir. Para cada afirmação, escolha um número entre 1 e 7 para dizer o quanto você discorda ou concorda com a afirmação, e escreva o número ao lado da afirmação. Não pense muito sobre ela — suas primeiras respostas são geralmente as melhores. Obrigado.

	Discordo				Concordo		
	Totalmente					Totalmente	
1. Os pensamentos das pessoas são um mistério para mim.	1	2	3	4	5	6	7
2. É fácil para mim descobrir o que outra pessoa está pensando ou sentindo.	1	2	3	4	5	6	7
3. A imagem que tenho dos meus pais muda conforme eu mudo.	1	2	3	4	5	6	7
4. Eu me preocupo muito sobre o que as pessoas estão pensando e sentindo.	1	2	3	4	5	6	7
5. Eu presto atenção no impacto das minhas ações nos sentimentos dos outros.	1	2	3	4	5	6	7
6. Eu levo muito tempo para entender os pensamentos e sentimentos de outras pessoas.	1	2	3	4	5	6	7
7. Eu sei exatamente o que meus amigos mais próximos estão pensando.	1	2	3	4	5	6	7
8. Eu sempre sei o que sinto.	1	2	3	4	5	6	7
9. Como eu me sinto pode facilmente afetar como eu entendo o comportamento de outra pessoa.	1	2	3	4	5	6	7

	Discordo				Concordo		
	Totalmente					Totalmente	
10. Posso dizer como alguém está se sentindo olhando nos seus olhos.	1	2	3	4	5	6	7
11. Me dou conta que as vezes posso interpretar mal as reações dos meus melhores amigos.	1	2	3	4	5	6	7
12. Muitas vezes fico confuso(a) sobre o que estou sentindo.	1	2	3	4	5	6	7
13. Me pergunto o que os meus sonhos significam.	1	2	3	4	5	6	7
14. Nunca é difícil para mim entender o que se passa na mente de outra pessoa.	1	2	3	4	5	6	7
15. Eu acho que o comportamento dos meus pais em relação à mim não deveria ser explicado pela forma como foram criados.	1	2	3	4	5	6	7
16. Nem sempre sei o porquê de eu fazer o que faço.	1	2	3	4	5	6	7
17. Tenho notado que muitas vezes as pessoas dão conselhos aos outros que na realidade elas mesmas gostariam de seguir.	1	2	3	4	5	6	7
18. É realmente difícil para mim o entendimento do que se passa na cabeça das outras pessoas.	1	2	3	4	5	6	7
19. Outras pessoas me dizem que sou um(a) bom(boa) ouvinte.	1	2	3	4	5	6	7
20. Quando eu fico com raiva eu falo coisas sem realmente saber por que as estou dizendo.	1	2	3	4	5	6	7
21. Eu costumo ser curioso(a) sobre o significado por trás das ações dos outros.	1	2	3	4	5	6	7
22. Eu realmente me esforço muito para entender os sentimentos dos outros.	1	2	3	4	5	6	7

	Discordo				Concordo		
	Totalmente				Totalmente		
23. Frequentemente eu tenho que forçar as pessoas a fazer o que eu quero que elas façam.	1	2	3	4	5	6	7
24. As pessoas próximas a mim muitas vezes parecem achar difícil entender por que eu faço as coisas.	1	2	3	4	5	6	7
25. Eu sinto que, se eu não tiver cuidado, poderia me intrometer na vida dos outros.	1	2	3	4	5	6	7
26. Os pensamentos e sentimentos das outras pessoas são confusos para mim.	1	2	3	4	5	6	7
27. Na maioria das vezes eu posso prever o que outra pessoa vai fazer.	1	2	3	4	5	6	7
28. Fortes sentimentos costumam obscurecer meus pensamentos	1	2	3	4	5	6	7
29. Para saber exatamente como uma alguém está se sentindo, eu descobri que preciso lhe perguntar.	1	2	3	4	5	6	7
30. Minha intuição sobre uma pessoa quase nunca está errada.	1	2	3	4	5	6	7
31. Eu acredito que as pessoas podem ver uma situação de formas muito diferentes com base em suas próprias crenças e experiências.	1	2	3	4	5	6	7
32. Às vezes me pego dizendo coisas e não tenho nem ideia porque as disse.	1	2	3	4	5	6	7
33. Eu gosto de pensar sobre as razões por trás das minhas ações.	1	2	3	4	5	6	7
34. Eu normalmente tenho uma boa ideia do que se passa na mente das outras pessoas.	1	2	3	4	5	6	7
35. Eu confio nos meus sentimentos.	1	2	3	4	5	6	7
36. Quando eu fico com raiva digo coisas que me arrependo depois.	1	2	3	4	5	6	7

	Discordo				Concordo		
	Totalmente					Totalmente	
37. Eu fico confuso(a) quando as pessoas falam sobre seus sentimentos.	1	2	3	4	5	6	7
38. Eu sou um bom leitor de mente.	1	2	3	4	5	6	7
39. Com frequência eu sinto que a minha mente está vazia.	1	2	3	4	5	6	7
40. Se eu me sinto inseguro, posso me comportar de maneiras que incomodam os outros.	1	2	3	4	5	6	7
41. Eu acho difícil entender os pontos de vista das outras pessoas.	1	2	3	4	5	6	7
42. Eu geralmente sei exatamente o que as pessoas estão pensando.	1	2	3	4	5	6	7
43. Eu assumo que os meus sentimentos podem mudar mesmo sobre algo que tenho convicção.	1	2	3	4	5	6	7
44. Às vezes eu faço coisas sem saber realmente o porquê.	1	2	3	4	5	6	7
45. Eu presto atenção nos meus sentimentos.	1	2	3	4	5	6	7
46. Em uma discussão, eu considero o ponto de vista da outra pessoa.	1	2	3	4	5	6	7
47. A minha intuição sobre o que outra pessoa está pensando é normalmente muito precisa.	1	2	3	4	5	6	7
48. Compreender as razões para as ações das outras pessoas me ajuda a perdoá-las.	1	2	3	4	5	6	7
49. Eu acredito que não há uma maneira CERTA de ver uma situação.	1	2	3	4	5	6	7
50. Eu sou mais bem guiado(a) pela razão do que pela minha intuição.	1	2	3	4	5	6	7
51. Eu não me lembro muito de quando eu era criança.	1	2	3	4	5	6	7

	Discordo				Concordo		
	Totalmente				Totalmente		
52. Eu acredito que não tem sentido tentar adivinhar o que se passa na mente de outra pessoa.	1	2	3	4	5	6	7
53. Para mim, ações dizem mais do que palavras.	1	2	3	4	5	6	7
54. Eu acredito que as outras pessoas são muito confusas para eu me dar ao trabalho de tentar entendê-las.	1	2	3	4	5	6	7

Apêndice E – Roteiro de Entrevista Semiestruturada

PERÍODO GESTACIONAL

Eu gostaria de saber como foi a gravidez da tua esposa/ companheira. Foi a primeira gravidez? Foi uma gravidez planejada?

Como foi para ti receber a notícia da gravidez?

Que preocupações tu tinhas no período da gravidez em relação a você ser pai?

Que preocupações tu tinhas em relação ao bebê?

NASCIMENTO/ PÓS-NASCIMENTO

Ocorreu tudo bem no parto? E no pós-parto? Como foi para ti esse momento?

Como foi o teu primeiro encontro com o bebê? Como tu te sentiste?

E os primeiros dias com o bebê como foi, foi como tu imaginavas?

O que tu fazias com o teu bebê?

Que preocupações tu tinhas em relação à ti como pai nesses primeiros dias?

Como foi o teu apoio para a tua esposa nesse período inicial, após o nascimento do bebê?

RELAÇÃO PAI/BEBÊ

Foi uma escolha tua ou circunstâncias que fizeram com que você se envolvesse nos cuidados do teu filho, assumindo em parte os cuidados dele?

Como tu te sentes com isso?

Tu achas que consegue atender aos pedidos e solicitações que o teu bebê faz?

Em que situações tu achas que não consegue entender os pedidos e solicitações dele?

Quando isso acontece, tu procuras pensar sobre, descobrir o que ele está querendo?

Nesses momentos tu pensas que ele pode estar fazendo isso para te irritar?

Tu sentes que vocês possuem uma “linguagem particular”?

Tu sempre, em todos os momentos tentas entender o comportamento do teu filho?

Tu consegues interpretar e nomear as diferentes formas de expressão do teu filho?

Por exemplo, quando ele chora, tu consegues diferenciar esse choro e nomear o pedido dele?

Como é para ti brincar com o teu filho? Vocês conseguem interagir nas brincadeiras?

HISTÓRIA DE VIDA DO PAI- RELAÇÃO COM O SEU GENITOR

Eu quero saber da tua relação com o teu pai...

Ele trabalhava fora? E a tua mãe?

Com quem você ficava nesse período?

Havia uma divisão de tarefas entre o teu pai e a tua mãe frente aos teus cuidados?

Que tarefas em relação aos cuidados tu lembras de serem realizadas por ele?

Tinha algum momento do dia/ semana que tu ficavas sob os cuidados dele? E como eram esses momentos?

Ele foi um pai presente?

Tu achas que ele era um pai afetivo ou era uma relação mais autoritária/ educativa?

Como tu descreverei a tua relação com o teu pai?

Tu segues o mesmo modelo do teu pai em relação ao envolvimento com o teu filho?

RELACIONAMENTO CONJUGAL ATUAL

Tu achas que a relação tua e da tua esposa mudou no período da gravidez? Se sim, em que aspectos?

Tu sentiste que algo mudou na relação de vocês após o nascimento do bebê? O que? Como te sentes?

Tu estás satisfeito com a relação conjugal atual de vocês?

Tu achas que precisa mudar algo? E isso seria uma mudança por parte de quem, tua ou da tua esposa?

Apêndice F – Roteiro de Observação da Função Reflexiva Parental (ROFRP)

Instruções para a filmagem:

- O registro em vídeo deve retratar um momento de interação livre entre o cuidador e a criança.
- A interação livre pode se dar em situações de brincadeira ou de cuidado.
- Não serão oferecidos brinquedos para a dupla, mas o cuidador é livre para utilizar objetos durante a interação.
- A filmagem será realizada por um/a pesquisador/a ou auxiliar de pesquisa, utilizando uma câmera e tripé. A pessoa responsável pela filmagem deverá se abster de interagir com a criança e/ou com o cuidador. Ela deverá orientar o cuidador que adotará essa postura discreta durante a filmagem. Para o observador, sair da cena/local e deixar a câmera no tripé.
- A filmagem deverá ser feita em ambiente conveniente para a dupla e previamente combinada com a equipe de pesquisa.
- O ambiente da filmagem poderá ser eleito de acordo com o contexto do estudo.
- O tempo de filmagem deverá ser de 30 minutos, ininterruptos.

Instruções para a análise:

- Todos os itens serão avaliados no sentido de identificar, reconhecer, interpretar, sem necessariamente incluir a mudança de comportamento do adulto em relação à criança (mudança do comportamento é avaliada no último item, flexibilidade)
- Para análise, deverão ser desconsiderados os 5 minutos iniciais e os 5 finais: avançar a gravação até o início do quinto minuto, e interromper aos 25 minutos.
- O vídeo deverá ser assistido primeiramente sem som. Todos os itens deverão ser analisados, mesmo que não possam ser observados.
- Num segundo momento, deverá ser assistido com som. Todos os itens deverão ser analisados, mesmo que não possam ser observados.
- Se houver divergência entre a classificação com e sem som, o avaliador deverá decidir a classificação final com base naquilo que predominou no vídeo.

- Ao final da avaliação, o avaliador deverá realizar o registro de suas impressões e sentimentos, para facilitar a formulação de uma análise qualitativa do caso. As seguintes perguntas deverão ser respondidas: O que sentiu? O que pensou? O que acha que o bebê sentiu/pensou? O que acha que o/a cuidador/a (parceiro/a de interação) sentiu/pensou?

Mentalização/ mentalização parental	Nome do item		Exemplos/ indicadores	Classificação
		1.1 Flexibilidade	Capacidade de mudar o próprio comportamento em função do estado mental do outro (flexibilidade)	<ul style="list-style-type: none"> - presente (sempre/constante) - parcialmente presente (às vezes/inconstante) - ausente (nunca) - não observado (ver a diferença com o ausente)
		1.2 Desejos	Referência aos próprios desejos e intenções, como o que quer/gostaria, o que prefere, o que pretende, etc.	<ul style="list-style-type: none"> - presente (sempre/constante) - parcialmente presente (às vezes/inconstante) - ausente (nunca) - não observado (ver a diferença com o ausente)
		1.2 Flexibilidade	Capacidade de mudar o próprio comportamento em função do estado mental do outro (flexibilidade)	<ul style="list-style-type: none"> - presente (sempre/constante) - parcialmente presente (às vezes/inconstante) - ausente (nunca) - não observado (ver a diferença com o ausente)
		1.3 Pensamentos	Referência aos próprios pensamentos através da utilização de verbos com evidente conotação cognitiva como: saber, conhecer, observar, estranhar, etc.	<ul style="list-style-type: none"> - presente (sempre/constante) - parcialmente presente (às vezes/inconstante) - ausente (nunca) - não observado (ver a diferença com o ausente)

Mentalização/ mentalização parental	Nome do item		Exemplos/ indicadores	Classificação
		1.3 Flexibilidade	Capacidade de mudar o próprio comportamento em função do estado mental do outro (flexibilidade)	<ul style="list-style-type: none"> - presente (sempre/constante) - parcialmente presente (às vezes/inconstante) - ausente (nunca) - não observado (ver a diferença com o ausente)
		1.4 Crenças	Referência a regras, normas e costumes que influenciam sua ação e seu discurso e podem ser utilizadas sem crítica ou de forma automática	<ul style="list-style-type: none"> - presente (sempre/constante) - parcialmente presente (às vezes/inconstante) - ausente (nunca) - não observado (ver a diferença com o ausente)
		1.4 Flexibilidade	Capacidade de mudar o próprio comportamento em função do estado mental do outro (flexibilidade)	<ul style="list-style-type: none"> - presente (sempre/constante) - parcialmente presente (às vezes/inconstante) - ausente (nunca) - não observado (ver a diferença com o ausente)
2. Interpreta os comportamentos da criança em termos de estados mentais, como: sentimentos, desejos, pensamentos e crenças (Bateman & Fonagy, 2016)	2. Interpretação dos comportamentos da criança	2.1 Sentimentos	Referência a sentimentos expressos pela criança, como alegria, tristeza, raiva, desagrado, etc. no discurso e no comportamento (tom de voz, expressão facial e corporal)	<ul style="list-style-type: none"> - presente (sempre/constante) - parcialmente presente (às vezes/inconstante) - ausente (nunca) - não observado (ver a diferença com o ausente)
		2.1 Flexibilidade	Capacidade de mudar o próprio comportamento em função do estado mental do outro (flexibilidade)	<ul style="list-style-type: none"> - presente (sempre/constante) - parcialmente presente (às vezes/inconstante) - ausente (nunca) - não observado (ver a diferença com o ausente)

Mentalização/ mentalização parental	Nome do item		Exemplos/ indicadores	Classificação
		2.2 Desejos	Referência aos desejos e intenções da criança, como o que quer/gostaria, o que prefere, o que pretende, etc.	<ul style="list-style-type: none"> - presente (sempre/constante) - parcialmente presente (às vezes/inconstante) - ausente (nunca) - não observado (ver a diferença com o ausente)
		2.2 Flexibilidade	Capacidade de mudar o próprio comportamento em função do estado mental do outro (flexibilidade)	<ul style="list-style-type: none"> - presente (sempre/constante) - parcialmente presente (às vezes/inconstante) - ausente (nunca) - não observado (ver a diferença com o ausente)
		2.3 Pensamentos	Referência aos pensamentos através da criança através da utilização de verbos com evidente conotação cognitiva como: saber, conhecer, observar, estranhar, etc.	<ul style="list-style-type: none"> - presente (sempre/constante) - parcialmente presente (às vezes/inconstante) - ausente (nunca) - não observado (ver a diferença com o ausente)
		2.3 Flexibilidade	Capacidade de mudar o próprio comportamento em função do estado mental do outro (flexibilidade)	<ul style="list-style-type: none"> - presente (sempre/constante) - parcialmente presente (às vezes/inconstante) - ausente (nunca) - não observado (ver a diferença com o ausente)
		2.3 Crenças	Interpreta o estado mental da criança a partir do seu sistema de crenças	<ul style="list-style-type: none"> - presente (sempre/constante) - parcialmente presente (às vezes/inconstante) - ausente (nunca) - não observado (ver a diferença com o ausente)

Mentalização/ mentalização parental	Nome do item		Exemplos/ indicadores	Classificação
		2.4 Flexibilidade	Capacidade de mudar o próprio comportamento em função do estado mental do outro (flexibilidade)	<ul style="list-style-type: none"> - presente (sempre/constante) - parcialmente presente (às vezes/inconstante) - ausente (nunca) - não observado (ver a diferença com o ausente)
3. Interesse por explorar o seu mundo interno e externo	3. Interesse pelo seu próprio mundo interno e externo		<p>Curiosidade pelo que se passa na própria mente</p> <p>Curiosidade pelo que se passa ao seu redor (mundo externo)</p> <p>Exercício de reflexão e de compreensão de si</p>	
4. Interesse por explorar o mundo interno e externo da criança	4. Interesse pelo mundo interno e externo da criança		<p>Curiosidade pelo que se passa na mente da criança</p> <p>Curiosidade pelo que se passa no mundo do bebê</p> <p>Exercício de reflexão e compreensão sobre o que se passa com a criança, o que lhe interessa, o que quer, o que sente, etc.</p>	
5. Discriminação e contingência (espelhamento)	5. Discriminação e contingência (ou espelhamento?)		<p>Reconhece criança como um sujeito diferente de si próprio (alguém dotado de desejos, intenções, sentimentos e necessidades)</p> <p>Reconhece o outro (criança) como alguém diferente</p> <p>Reflete os estados mentais da criança de forma congruente com a experiência interna dela</p> <p>Estabelecem conexões temporais entre presente, passado e/ou futuro</p>	

Apêndice G – Resolução do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE DO VALE DO
RIO DOS SINOS - UNISINOS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Função Reflexiva paterna no contexto de interação pai-bebê

Pesquisador: FERNANDA TORZECZKI TRAGE

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 90988418.8.0000.5344

Instituição Proponente: Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.719.548

Apresentação do Projeto:

Diante do fato de o pai hoje desempenhar uma função mais ativa nos cuidados dos filhos, sendo mais responsivo às demandas do bebê, o projeto busca compreender a Função Reflexiva paterna no contexto de interação pai-bebê. Terá abordagem qualitativa de caráter exploratório e descritivo, o método empregado será o Estudo de Casos Múltiplos. Estima-se que entre três e cinco duplas de pai/bebê participarão do estudo, o bebê deverá ter entre 0 e 18 meses. A partir dos dados obtidos na Ficha de Dados Sociodemográficos, questionário (FRQ), entrevista semiestruturada e análise da interação, cada caso será construído individualmente através dos eixos temáticos: "história de vida do pai", "relação pai/bebê" e "função reflexiva paterna". Ocorrerá posteriormente uma síntese de casos cruzados, para identificar convergências e diferenças entre os mesmos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivos claros e exequíveis com apoio da caixa de ferramentas proposta.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e benefícios foram devidamente avaliados no formulário da Plataforma Brasil.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa trata de temática relevante e de interesse social.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TCLE redigido de forma amigável e esclarecedora para os participantes da pesquisa.

Endereço: Av. Unisinos, 950

Bairro: Cristo Rei

CEP: 93.022-000

UF: RS

Município: SAO LEOPOLDO

Telefone: (51)3591-1198

Fax: (51)3590-8118

E-mail: cep@unisinos.br

Continuação do Parecer: 2.719-548

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1147745.pdf	04/06/2018 13:43:03		Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	04/06/2018 13:41:54	FERNANDA TORZECZKI TRAGE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoFernandaTrageCEP.pdf	02/06/2018 10:17:11	FERNANDA TORZECZKI TRAGE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermodeConsentimentoLivreeEsclarecid o.pdf	01/06/2018 15:46:08	FERNANDA TORZECZKI TRAGE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Fernanda_Trage.pdf	18/06/2018 16:19:53	José Roque Junges	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO LEOPOLDO, 18 de Junho de 2018

Assinado por:
José Roque Junges
(Coordenador)

Endereço: Av. Unisinos, 950
Bairro: Cristo Rei CEP: 93.022-000
UF: RS Município: SAO LEOPOLDO
Telefone: (51)3591-1198 Fax: (51)3590-8118 E-mail: cep@unisinos.br

Considerações Finais da Dissertação

O objetivo geral desta pesquisa buscou compreender o exercício da paternidade nas famílias contemporâneas, avaliando a Função Reflexiva paterna no contexto de interação pai-bebê. Para o alcance desse propósito, realizaram-se dois estudos empíricos, os quais foram desenvolvidos ao longo desta dissertação e apresentados na Seção I e na Seção II, sob o formato de artigos.

O primeiro artigo trouxe considerações sobre o papel e o exercício da paternidade na família contemporânea, a partir da percepção de pais entrevistados. Os depoimentos coletados evidenciaram uma modificação dos modelos tradicionais de paternidade, uma vez que os pais relatam a necessidade de uma alteração comportamental em comparação àquela vivenciada com seu pai. Manifestam o reconhecimento dos novos moldes familiares, indicando, como um aspecto positivo, o fato de envolverem-se mais na criação direta dos filhos. O pai da atualidade se percebe atuante e revela ter desejo por executar seu papel paterno com maior proximidade e interação, conseguindo, assim, acompanhar não só o desenvolvimento de seu filho, mas fazer parte de diversos momentos que marcam as experiências de vida da criança.

O segundo artigo investigou a Função Reflexiva paterna no contexto de interação pai-bebê. Os conceitos sobre a Função Reflexiva trazem aspectos que precisam ser observados para a sua avaliação, como flexibilidade e disponibilidade emocional, bem como reconhecimento das necessidades do bebê, o qual está diretamente ligado aos processos reflexivos do pai sobre si e sobre o outro. Além disso, a Função Reflexiva está associada à capacidade de regulação das emoções assim como o desenvolvimento das habilidades de linguagem. Os estudos de casos múltiplos e a síntese de casos cruzados indicaram que a Função Reflexiva tem importante vinculação com a motivação do pai em buscar compreender e responder empaticamente às necessidades do filho.

A análise dos resultados demonstra que a Função Reflexiva está associada a aspectos que envolvem desde a organização pessoal nas rotinas até o exercício reflexivo de compreensão dos próprios sentimentos, o que permitirá reconhecer desejos e necessidades do outro. Nesse sentido, um planejamento no período gestacional pode contribuir para que seja possível uma maior flexibilização emocional nos primeiros meses de vida do bebê. Especialmente no que se refere à paternidade, esses aspectos estão associados a uma revisão de crenças e valores quanto à atuação do pai na rotina familiar, uma vez que determinados pensamentos não condizem mais com os moldes da família contemporânea.

Referências da Dissertação

Fonagy, P., Gergely, G., Jurist, E. L., & Target, M. (2002). Affect regulation, mentalization, and the development of the self. New York, NY: Other Press.